

## 10. Transformação da China em uma potência imperialista

Neste capítulo queremos analisar a transformação da China de um Estado Operário Degenerado em um poder capitalista e, finalmente, imperialista. <sup>1</sup> Seria, naturalmente, superior aos limites deste livro para lidar com toda a história da economia chinesa nas últimas décadas. Em vez disso, nos concentraremos na questão que é de enorme importância para os marxistas desenvolverem perspectivas mundiais corretas e táticas revolucionárias na luta internacional de classes: Devemos considerar a China como uma potência imperialista ou melhor, como um país semicolonial que é super-explorado pelo imperialismo?

Nós da CCRI estamos convencidos de que a China é uma potência imperialista emergente e não um país semicolonial. <sup>2</sup> Na medida em que é um caso importante e historicamente excepcional dos países do Sul. Normalmente, como mostramos neste livro, os países do Sul não foram capazes de se tornar uma potência imperialista. Eles sofreram uma super-exploração crescente pelas antigas potências imperialistas na América do Norte, Europa Ocidental, Japão e Austrália.

No entanto, o desenvolvimento da China é diferente. Tornou-se um estado imperialista recentemente, no final dos anos 2000. Em comparação com a maior potência imperialista – os EUA – ainda é fraca (como muitos outros países imperialistas são). Como um novo país imperialista tardio, ele carrega várias características peculiares, incluindo a super-exploração pelo capital do monopolista estrangeiro. Essas características, no entanto, são superadas pela força crescente da burguesia doméstica da China. Em particular, temos de enfatizar o papel dos monopólios da China na produção global, no comércio e na exportação de capitais. Relacionado a isso está o surgimento indiscutível da China como uma potência política e militar na política internacional.

As principais razões para o sucesso da China em uma potência imperialista foram:

- i) A existência contínua de uma forte burocracia estalinista centralizada que poderia suprimir a classe trabalhadora e garantir sua super-exploração.
- ii) A derrota histórica da classe trabalhadora chinesa em 1989, quando a burocracia esmagou impiedosamente a revolta em massa na Praça tiananmen e em todo o país.
- iii) O declínio do imperialismo dos EUA que abriu espaço para novas potências.

### Quais são os critérios para um estado imperialista?

Antes de darmos uma visão concreta do desenvolvimento do imperialismo chinês, vamos tentar dar uma definição de estado imperialista "... *sem esquecer o valor condicional e relativo de todas as definições*

*em geral, que nunca podem abraçar todas as concatenações de um fenômeno em seu pleno desenvolvimento..." – como Lênin disse tão sabiamente. 3*

No início do nosso primeiro capítulo "A teoria do imperialismo de Lênin" citamos a definição de Lenin do imperialismo. Ele descreveu como a característica essencial do imperialismo a formação de monopólios que estão dominando a economia. Em relação a isso, ele apontou a fusão do capital bancário e industrial em capital financeiro, o aumento da exportação de capital, além da exportação de commodities e a luta pela posse de colônias, respectivamente, esferas de influência.

Como resultado, podemos dizer que a característica de um poder imperialista deve ser vista na totalidade de sua posição econômica, política e militar na hierarquia global dos Estados. Assim, um determinado Estado deve ser visto não apenas como uma unidade separada, mas em primeiro lugar em sua relação com outros estados e nações. Um Estado imperialista geralmente entra em uma relação com outros estados e nações a quem oprime de uma forma ou de outra e super-explora – ou seja, se apropria de uma parte de seu valor capitalista produzido. Mais uma vez isso tem que ser visto em sua totalidade, ou seja, se um Estado ganha certos lucros com o investimento estrangeiro, mas tem que pagar (serviço da dívida, repatriação de lucros etc.) muito mais para outros países investimento estrangeiro, este Estado geralmente não pode ser considerado como imperialista. Por fim, queremos salientar a necessidade de considerar a totalidade da posição econômica, política e militar de um Estado na hierarquia global dos Estados. Assim, podemos considerar um determinado Estado como imperialista mesmo que seja economicamente mais fraco, mas possua uma posição política e militar relativamente forte (como a Rússia antes de 1917 e no início dos anos 2000). Uma posição política e militar tão forte novamente pode ser usada para oprimir outros países e nações e para se apropriar do valor capitalista deles.

Ver um Estado no contexto da ordem imperialista global também é importante porque estados imperialistas particularmente menores (como Austrália, Bélgica, Suíça, Holanda, Áustria, países escandinavos etc.) não são obviamente iguais com as Grandes Potências, mas subordinados a eles. Eles não podiam desempenhar um papel imperialista sozinhos. Mas, apesar de não serem iguais com as Grandes Potências – a propósito, mesmo entre as Grandes Potências há rivalidade constante e nenhuma igualdade – esses estados imperialistas menores não são super-explorados por eles. Como resultado, embora não haja nenhuma transferência significativa de valor desses estados imperialistas menores para as Grandes Potências, há uma transferência significativa de valor das semicolônias para esses estados imperialistas menores. Eles garantem essa posição privilegiada ao entrar em alianças econômicas, políticas e militares com as Grandes Potências (OTAN, UE, OCDE, FMI, Banco Mundial, OMC, várias "Parcerias" etc.)

Em suma, definimos um Estado imperialista da seguinte forma: *Um Estado imperialista é um Estado capitalista cujos monopólios e aparatos estatais têm uma posição na ordem mundial onde dominam, em primeiro lugar, outros estados e nações. Como resultado, eles ganham lucros extras e outras vantagens econômicas, políticas e militares de tal relação baseada na super-exploração e opressão.*

Achamos que tal definição de estado imperialista está de acordo com a breve definição que Lênin deu em sua polêmica contra o economismo imperialista:

*"... grandes potências imperialistas (isto é, que oprimem toda uma série de povos estrangeiros, que os amarram com as redes da dependência do capital financeiro, etc..."* 4

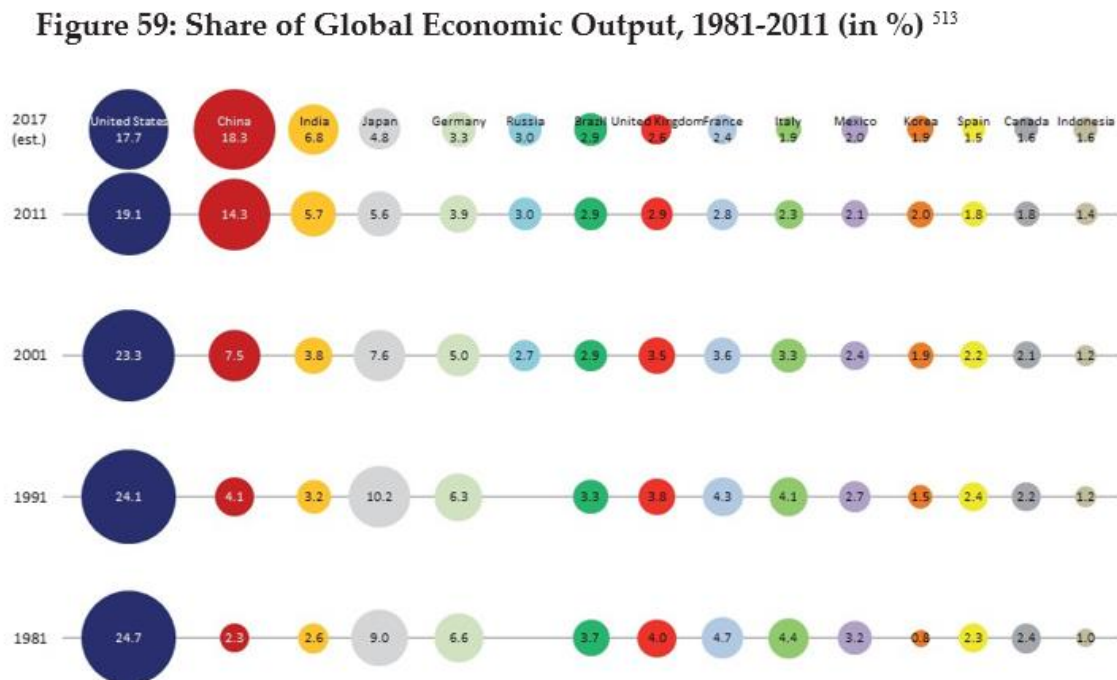
Antes de avançarmos para a análise concreta, precisamos adicionar duas observações. Em primeiro lugar, para a definição do caráter de classe de um determinado estado é importante também vê-lo de uma perspectiva histórica. Por exemplo, um Estado imperialista pode faltar temporariamente a esta ou aquela característica essencial do imperialismo devido a circunstâncias históricas específicas. Por exemplo, após a Segunda Guerra Mundial, a Áustria foi ocupada pela primeira vez por tropas americanas, britânicas, francesas e russas até 1955 e mais tarde sua exportação de capital foi subdesenvolvida. No entanto, nós marxistas rejeitamos a posição do partido estalinista austríaco de que o país havia se tornado uma semicolônia da Alemanha. Por quê? Por várias razões: a Áustria teve um passado imperialista forte (o Império Habsburgo oprimindo muitas nações até 1918, depois disso uma forte capital bancária com muitos laços com a Europa Oriental etc.). Dada a sua estreita integração ao campo imperialista mundial, poderia depois de algum tempo recuperar uma posição onde sistematicamente e significativamente super explorava outras nações. Outro exemplo pode ser a Alemanha ou o Japão após a Segunda Guerra Mundial, que apesar de certos elementos de ocupação militar e restrições às suas próprias capacidades militares, obviamente permaneceu uma potência imperialista. Assim, ao analisar um estado imperialista temos que ver não apenas um determinado momento, mas a direção do desenvolvimento. Temos que ter em mente a observação de Trotsky: *"O treinamento dialético da mente, tão necessário para um lutador revolucionário como exercícios de dedo para um pianista, exige abordar todos os problemas como processos e não como categorias imóveis."* 5

Em segundo lugar, queremos responder a uma possível crítica à nossa posição de que a China é um Estado imperialista. Pode-se perguntar: como um país poderia se tornar imperialista se era antes – quando era capitalista – uma semicolônia? Claro que é verdade que geralmente as semicolônias não se transformam em países imperialistas. E, de fato, pode-se dizer que a China tinha – depois que o capitalismo foi restaurado por volta de 1992 – por vários anos mais características de uma semicolônia do que de um Estado imperialista. No entanto, seria completamente anti-dialético excluir tal salto no desenvolvimento de um país sob certas circunstâncias. Também houve exemplos na história de tal "salto". A Tchecoslováquia foi uma colônia do Império Habsburgo austríaco por séculos antes de 1918, mas quando se tornou independente, os comunistas (incluindo Lênin e Trotsky) reconheceram-no como um estado imperialista. A propósito, esse tipo de desenvolvimento dialético também pode ocorrer na outra direção – ou seja, um "salto" para trás quando um Estado imperialista se torna uma semicolônia. Lênin discutiu tal potencial desenvolvimento em sua polêmica contra o economismo imperialista quando falou sobre a possibilidade da transformação de uma guerra imperialista em uma guerra justa de defesa nacional.

## **O Avanço da China para se tornar uma grande economia no mundo**

Desde que a antiga burocracia introduziu o capitalismo no início da década de 1990, o capitalismo chinês cresceu rapidamente. 6 Em termos da produção total medida pelo Produto Interno Bruto, a participação da China cresceu maciçamente nas últimas duas décadas. Enquanto a China produziu em 1991 4,1% da produção global, esse número subiu para 14,3% em 2011. Isso fez dela a segunda maior economia do mundo. Ao mesmo tempo, a participação dos EUA caiu de 24,1% para 19,1% em 2011. 7 A Figura 59 dá uma visão geral da mudança da participação das 15 maiores economias do mundo nas últimas três décadas.

**Figura 59: Participação na Produção Econômica Global, 1981-2011 (em %) 8**

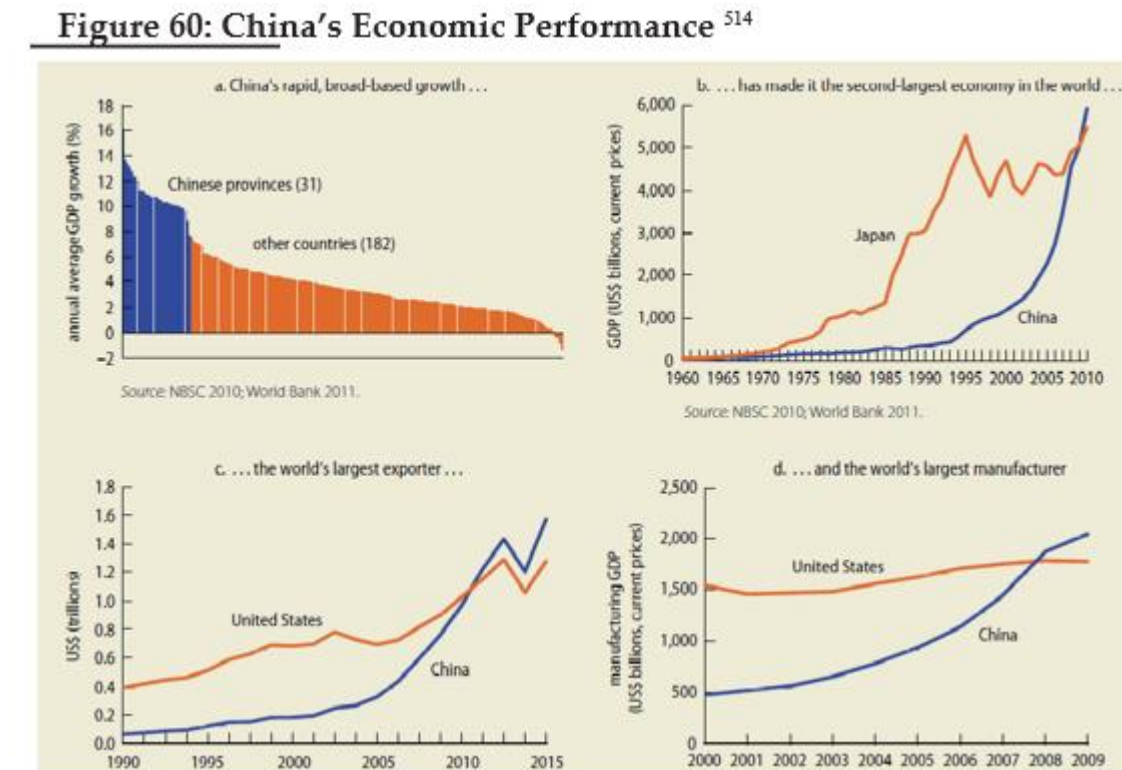


Na manufatura – o principal setor da produção de valor capitalista – a China até se tornou a principal economia do mundo. Com isso, encerrou a posição de 110 anos dos EUA como o maior produtor de commodities industriais. Em 2011, um quinto da manufatura mundial veio da China (19,8%) enquanto 19,4% se originaram na economia dos EUA. 9

Em uma das principais indústrias do mundo – o aço bruto – quase metade da produção global (48,6%) veio da China em 2011. 10

Paralelo a isso, tornou-se o maior exportador mundial. A Figura 60 dá uma visão geral sobre o recente processo de recuperação rápida da China e compara-o com o desenvolvimento dos EUA e do Japão.

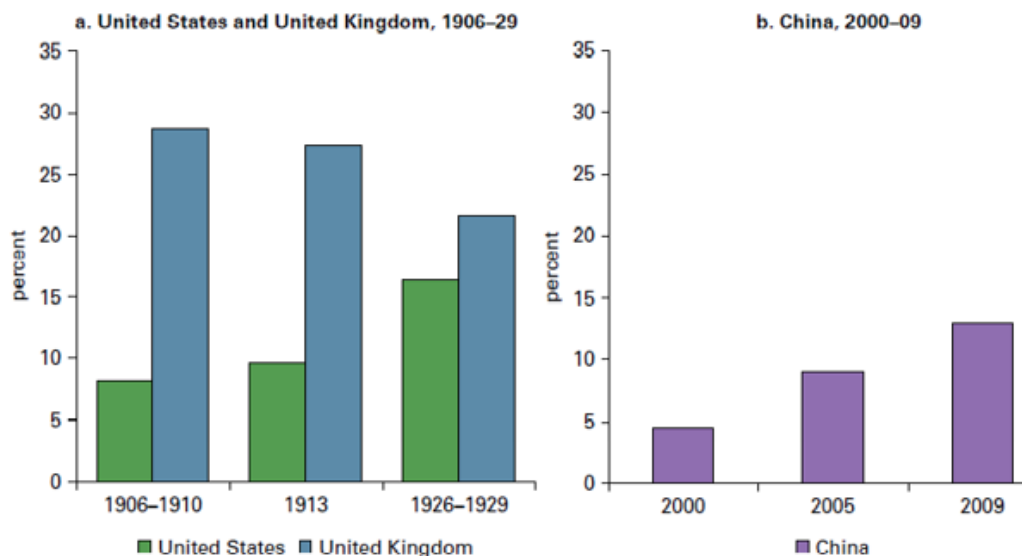
**Figura 60: Desempenho Econômico da China 11**



Na Figura 61 podemos ver não apenas a crescente participação da China nas exportações mundiais, mas também uma comparação histórica interessante com o avanço dos EUA no primeiro trimestre do século XX.

**Figura 61: Participação das exportações globais de manufatura; EUA e Grã-Bretanha 1906-29 e China 2000-09 (em %) 12**

**Figure 61: Share of global manufacturing exports; USA and Britain 1906-29 and China 2000-09 (in %) <sup>518</sup>**



O Banco Mundial e o Centro chinês de Pesquisa em Desenvolvimento do Conselho de Estado apontaram em um estudo conjunto, que a China também alcançou uma série de outros avanços em seu desejo de modernizar sua economia: "A China abriga a segunda maior rede rodoviária do mundo, as três pontes marítimas mais longas do mundo e 6 dos 10 maiores portos de contêineres do mundo". <sup>13</sup>

A força econômica da China também se reflete em seu baixo nível de endividamento com o mercado financeiro global. Sua dívida externa é de apenas 9,3% e seu serviço de dívida para exportações é de 2,5%. <sup>14</sup> Compare isso com os níveis muito mais elevados de outros países industrializados do Sul, como a Argentina ou a Turquia, com quem lidamos acima e a avaliação geral da UNCTAD (na Figura 43), que mostra que os chamados "países de renda média alta" pagaram entre 2005 e 2010 cerca de 40% de sua renda total de exportação para pagar suas dívidas aos monopólios imperialistas. Na verdade, é o contrário, como veremos abaixo: outros países estão em dívida com o capital financeiro da China! Assim, também vemos a partir deste ângulo que a China não é uma semicolônia dependente, super-explorada, mas sim uma potência imperialista emergente.

É claro que isso não deve ignorar a lacuna ainda existente entre as velhas economias imperialistas e a produtividade do trabalho da China. Embora a produção manufatureira dos EUA e da China seja quase a mesma, os capitalistas dos EUA produziram essa produção em 2010 com 11,5 milhões de trabalhadores, enquanto seus rivais chineses precisavam de 100 milhões. <sup>15</sup> Igualmente, o resíduo tecnológico da China por trás das antigas economias imperialistas também é indicado em seu emprego substancialmente menor de máquinas no processo de produção. Isso se reflete no nível de capital por trabalhador da China, que é menos de um décimo dos EUA (convertidos a taxas de câmbio de mercado). <sup>16</sup>

No entanto, devido ao seu enorme tamanho, um aparato estatal unificado com um enorme setor capitalista estatal e uma classe operária super-explorada, a burguesia monopolista chinesa consegue não apenas desempenhar um papel no mercado mundial, mas também desempenhar um papel de liderança na economia capitalista mundial. Marx observou em *Capital* Vol. III que, no processo de acumulação capitalista, não apenas a taxa de lucro, mas antes de tudo a massa de lucros é decisiva. E os monopólios chineses, como podemos ver, possuem uma enorme massa de lucros!

*"E assim o rio de capital rola (...), ou sua acumulação, não em proporção à taxa de lucro, mas em proporção ao impulso que já possui."* 17

### **Monopólios da China**

Apesar do importante investimento estrangeiro ocidental e japonês na China, a classe dominante em Pequim evitou o domínio de sua economia por monopólios estrangeiros. Muito pelo contrário, desenvolveu fortes monopólios chineses que hoje se tornaram um dos *"globais players"* (atores globais) – para usar uma categoria favorita dos economistas burgueses para quem os mistérios da lei de valor os fazem pensar na economia capitalista como o jogo em um cassino.

Isso se torna óbvio se olharmos para o avanço dos monopólios chineses na lista das maiores corporações globais. Na *Forbes Global 2000* – uma lista das maiores e mais poderosas empresas listadas no mundo –, a China já ocupa o terceiro maior país nesse quesito. 121 empresas nesta lista são da China e apenas os EUA (524 empresas) e o Japão (258 empresas) fornecem mais membros. Esses 121 monopólios chineses têm um lucro agregado de US\$ 168 bilhões (o que equivale a 7% do lucro total dos maiores monopólios de 2000). 18

Na *Fortune Global 500* – outra lista das maiores empresas do mundo que usa critérios diferentes – podemos ver a mesma dinâmica do enorme e crescente lugar da China entre os super-monopólios do mundo. Entre as 10 maiores corporações globais – os mega-super monopólios, por assim dizer – três são chinesas: as empresas petrolíferas *Sinopec* e *China National Petroleum* e a empresa de energia *State Grid*. 19 Se alguém levar em conta as 500 maiores corporações vemos que a China já superou o Japão como o segundo maior país. 73 dessas corporações são chinesas, 132 vêm dos EUA, 68 do Japão e cada 32 da França e Alemanha. (Ver Tabela 52)

**Tabela 52: Onde estão os maiores monopólios globais localizados? Lista dos 10 principais países das 500 empresas globais** 20

**Table 52: Where are the biggest global Monopolies located?**  
**List of the Top 10 Countries of the Global 500 companies** <sup>525</sup>

<i>Rank</i>	<i>Country</i>	<i>Number of Companies</i>
1	United States	132
2	China	73
3	Japan	68
4	France	32
4	Germany	32
6	United Kingdom	26
7	Switzerland	15
8	South Korea	13
9	Netherlands	12
10	Canada	11

A ascensão dos monopólios da China na última década torna-se óbvia se olharmos para o seu ranking na mesma lista no início do século. Como vimos, enquanto as corporações chinesas somavam 72 na lista *Fortune Global 500* de 2012, eram apenas 12 em 2001 (ou seja, um sexto). 21

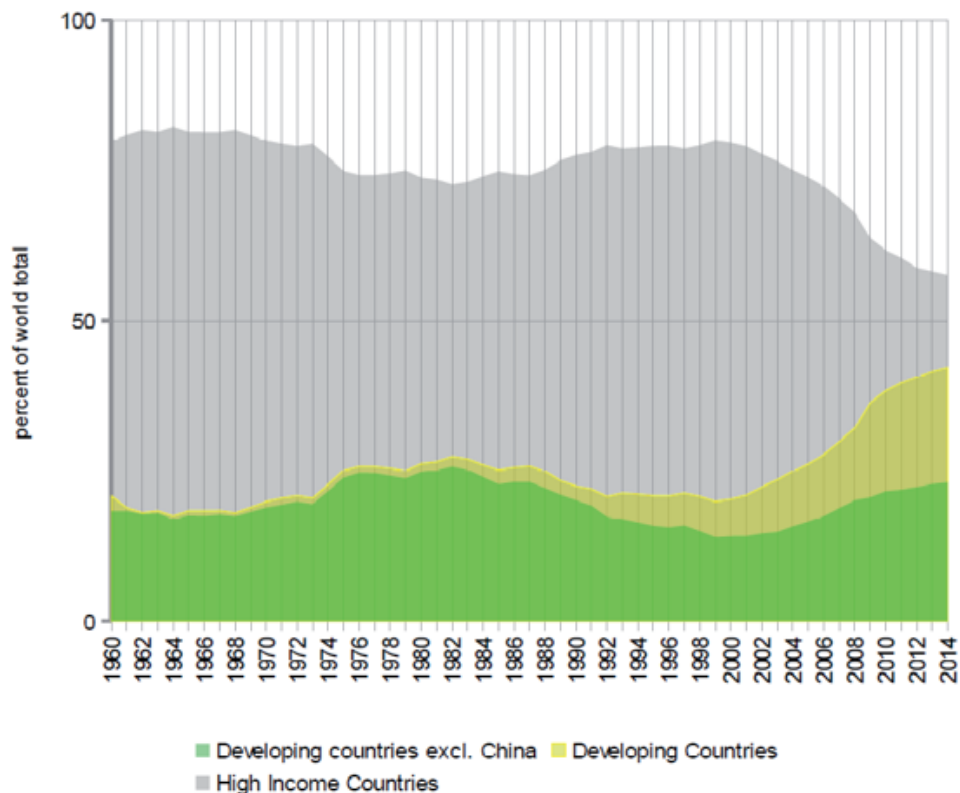
Mais uma vez, como na produção mundial e nas exportações, o avanço da China foi paralelo a um declínio semelhante da posição de liderança do imperialismo dos EUA. Enquanto no início do ano 2000 197 corporações entre a *Fortune Global 500* tinham sua sede nos EUA, esse número caiu para 132 em 2012. 22

Vamos agora mostrar outro indicador da ascensão da China como uma potência imperialista. O economista marxista Martin Seelos publicou um estudo muito interessante com inúmeras estatísticas e cálculos sobre as tendências globais de acumulação de capital nas últimas décadas. Ele mostra que a participação da China na Formação Global de Capital Fixo Bruto cresceu dramaticamente desde a restauração do capitalismo no início dos anos 1990 e, em particular, desde o início dos anos 2000. A Figura 62 demonstra que o capital acumulado da China já é tanto quanto todo o capital acumulado dos chamados "Países em Desenvolvimento" juntos.

**Figura 62: Formação bruta de capital fixo, países imperialistas, países semicoloniais e China, 1960-2011 (em USD real 2005)** <sup>23</sup>



**Figure 62: Gross Fixed Capital Formation, Imperialist Countries, Semi-Colonial Countries and China, 1960-2011 (in real 2005 USD)** <sup>528</sup>



Os governantes chineses criaram uma classe capitalista. Hoje, a participação majoritária na produção da China é produzida pelo setor privado. Isso se reflete nos seguintes números: De acordo com o Banco Mundial e o *Centro chinês de Pesquisa em Desenvolvimento do Conselho de Estado*, os setores não estatais contribuíram com cerca de 70% do PIB e do emprego do país. A participação do setor estatal no total de empreendimentos industriais (com vendas anuais acima de 5 milhões de YUANS) caiu de 39,2% em 1998 para 4,5% em 2010. No mesmo período, a participação das Empresas Estatais no total de ativos industriais caiu de 68,8% para 42,4%, enquanto sua participação no emprego caiu de 60,5% para 19,4%. Sua participação nas exportações chinesas também caiu de 57% em 1997 para 15% em 2010. 24

A burocracia estalinista chinesa criou uma nova burguesia nativa fora de suas próprias fileiras desde que a antiga classe capitalista chinesa foi expulsa após 1949-1952 para Hong Kong, Macau, Taiwan ou para o estrangeiro. Claro que também tenta atrair a sua antiga burguesia, mas não tem apetite para se retirar de cena e entregar a economia para a antiga burguesia. Por essa razão, iniciou-se um processo de rápida acumulação primitiva e – ao contrário de um mito generalizado – foi principalmente esse acúmulo de capital e não a exportação, que foi o principal fator para o crescimento da China nas últimas décadas. 25

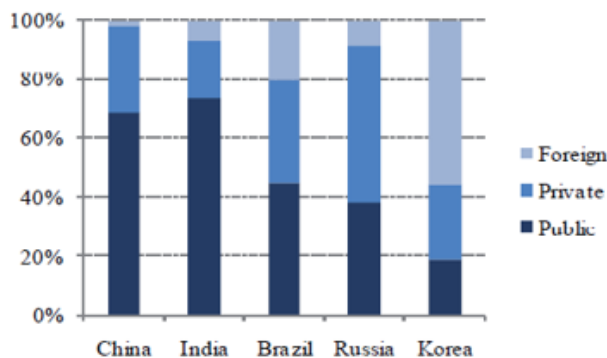
Um dos principais resultados desse processo de rápida acumulação de capital foi o crescimento de um importante setor capitalista privado, como indicam os números acima. No entanto, dado o enorme tamanho da economia do país e o – em relação a isso – pequeno tamanho da nova classe capitalista chinesa, a classe dominante garantiu que um forte setor capitalista estatal garanta que a China evite o destino do colapso econômico como a antiga União Soviética após 1991. Muito pelo contrário, o setor estatal opera sob a lei do valor e é o núcleo da economia e a ponta de lança para sua operação no mercado mundial.

Na verdade, o setor capitalista estatal é o coração decisivo do imperialismo chinês. Hoje, as empresas estatais são responsáveis por cerca de 35% dos investimentos em ativos fixos feitos por empresas chinesas. Mais de dois terços das empresas chinesas na Global Fortune 500 são empresas estatais. As maiores Empresas estatais (em inglês *State-owned enterprise-SOE*), excluindo bancos e seguradoras, são dirigidas por meio de participações controladoras que pertencem a uma holding central conhecida como *Comissão de Supervisão e Administração de Ativos estatais* (SASAC). Bancos e companhias de seguros são de propriedade majoritária de outras agências do Estado. O setor bancário é totalmente dominado pelos bancos estatais, enquanto os bancos estrangeiros dificilmente desempenham qualquer papel. O setor bancário também é responsável por metade de todo o sistema financeiro. Se combinar esse valor com os títulos públicos, o setor estatal fornece quase 2/3 do sistema financeiro. (Ver Figura 63) Desde que Lênin desenvolveu a categoria de "capitalismo de monopólio do Estado", nunca houve uma forma mais pura de capitalismo monopólio estatal do que a China nas últimas duas décadas.

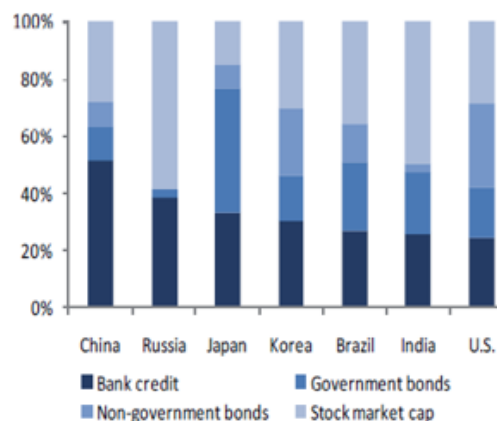
**Figura 63: Comparação Internacional da Estrutura Acionária do Setor Bancário (2005) e Estrutura do Sistema Financeiro (2009) (em %) 26**

**Figure 63: International Comparison of Ownership Structure of the Banking Sector (2005) and Financial System Structure (2009) (in %) <sup>533</sup>**

**FIGURE 6 Ownership structure of the banking sector, 2005**



**FIGURE 7 Financial system structure in comparison, 2009**

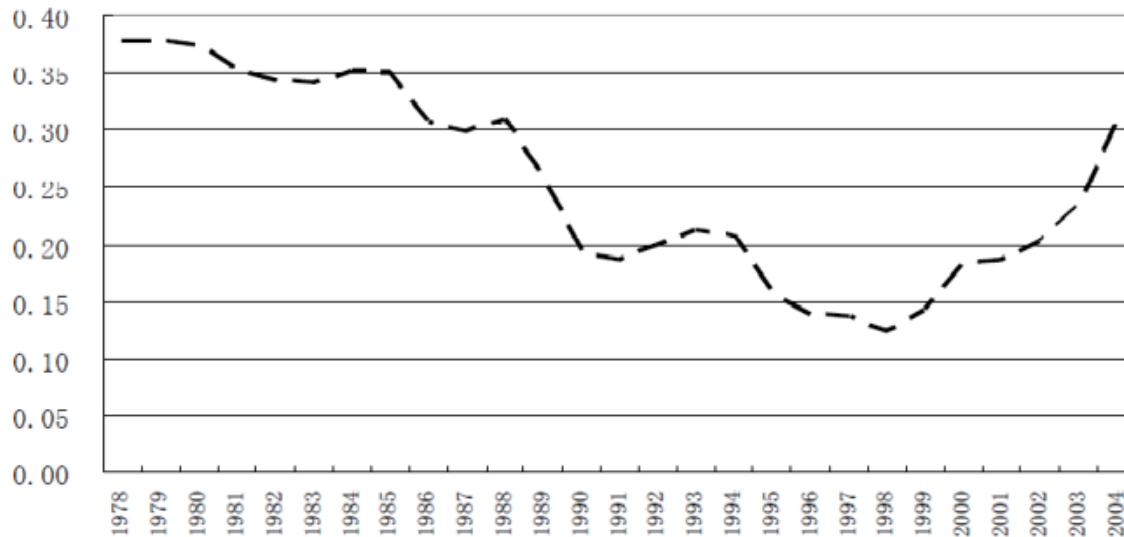


Depois de introduzir a lei do valor no início da década de 1990, os governantes chineses realizaram uma transformação maciça do setor estatal. Isso era necessário, pois a tarefa era transformá-la de um estatal burocrático em um setor capitalista estatal. Portanto, um processo maciço de redução e reestruturação ocorreu na década de 1990, onde milhares de empresas estatais faliram e muitas outras foram fundidas em unidades maiores. (Veja a Figura 64 para a participação em declínio do SOE em números, emprego e ativos) Uma das principais instituições do imperialismo mundial – o Banco Mundial – formula com aprovação: "*Muitas estatais (SOEs) foram corporativizadas, radicalmente reestruturadas (incluindo o deslocamento de mão-de-obra) e esperavam operar com lucro. (...) Como resultado, a rentabilidade das SOEs da China aumentou.*" <sup>27</sup> De acordo com o relatório oficial da *Comissão de Supervisão e Administração de Ativos estatais*, os maiores 120 monopólios estatais (que estão principalmente em setores como eletricidade, petróleo, aviação, bancos e telecomunicações) obtiveram em 2011 lucros líquidos de 917 bilhões de Yuan (US\$ 142 bilhões). <sup>28</sup>

Como resultado, tanto o governo capitalista quanto o setor capitalista privado aumentaram maciçamente seus lucros. Na Figura 64 podemos ver os cálculos de dois economistas socialistas chineses, Zhang Yu & Zhao Feng. Eles tentam calcular a taxa de lucro na indústria manufatureira chinesa entre 1978 e 2004 do ponto de vista marxista. É claro que é preciso ter em mente que antes do início da década de 1990 os ganhos na indústria manufatureira não eram taxa de lucros no sentido como Marx a entendia. No entanto, a Figura indica as dificuldades do processo de restauração capitalista na década de 1990 e o aumento da taxa de lucro a partir do final dos anos 1990, quando quase triplicou.

Figura 64: A Tendência da Taxa de Lucro na Indústria De Manufatura Chinesa, 1978-2004 (em %)  
29

**Figure 64: The Trend of Rate of Profit in the Chinese Manufacturing Industry, 1978-2004 (in %) <sup>534</sup>**

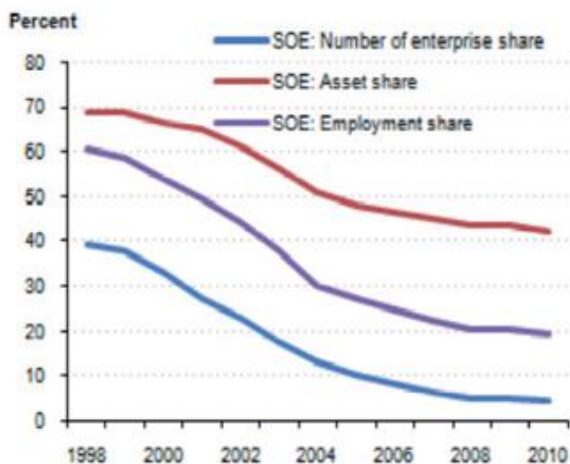


Na Figura 65 podemos ver o crescimento contínuo dos lucros das estatais-SOE's e ainda mais das empresas não estatais. O retorno médio sobre o patrimônio líquido reportado pelas SOE cresceu de 2,2% em 1996 para 15,7% em 2007, antes de recuar um pouco para 10,9% em 2009. O retorno sobre o patrimônio líquido das empresas não estatais chegou a subir para mais de 20%.

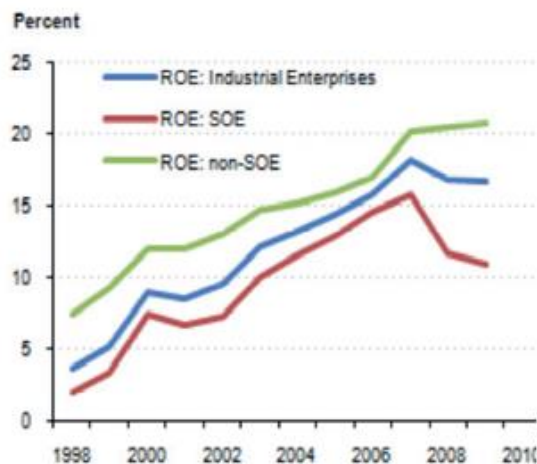
**Figura 65: Tamanho das empresas estatais e taxa de retorno em empresas privadas e estatais na China, 1998-2010 (em %) 30**

**Figure 65: Size of State-Owned Enterprises and Rate of Return in Private and State Enterprises in China, 1998-2010 (in %)** <sup>537</sup>

**FIGURE 4** SOEs have declined in relative importance



**FIGURE 5** The rate of return for non-state firms exceeds that of SOEs



Como dissemos, essas empresas estatais são operadas como unidades capitalistas. São principalmente empresas de ações com o Estado detendo a maioria das ações. (Este modelo, por sinal, também é frequentemente aplicado em empresas estatais capitalistas em países da Europa Ocidental.) Sua operação de acordo com a lei de valor é sublinhada pelo fato de não pagarem os dividendos, que aumentaram desde uma reforma em 2007 para 5-15% dos lucros, para o ministério da fazenda – o titular formal da maioria das ações. Eles pagam-lhes um orçamento especial reservado para o financiamento de empresas estatais, ou seja, para si mesmos. Como o *The Economist* – um dos principais porta-vozes do capital monopolista ocidental – colocou com precisão: "Os dividendos das SOE, em outras palavras, estão divididos entre as SOEs". <sup>31</sup>

Sem surpresa, as primeiras posições nas empresas estatais são dominadas pelos filhos e filhas do partido no poder. Dois acadêmicos, Li-Wen Lin e Curtis J. Milhaupt, mostraram em um estudo real as relações muito próximas e entrelaçamento do partido, do Estado e das empresas estatais. Eles concluem com justificativa: "Chamamos a estrutura organizacional do capitalismo de Estado como praticada na China como uma hierarquia em rede". <sup>32</sup>

De acordo com outro relatório, "mais de 90% das pessoas dos 20 mil mais ricos da China dizem estar 'relacionadas com altos funcionários do governo ou do Partido Comunista', criando toda uma classe de 'príncipes' milionários e bilionários, filhos de altos funcionários." <sup>33</sup>

A criação de uma classe capitalista chinesa é refletida também no lugar proeminente o ganho dos super-ricos do país cada vez mais no clube exclusivo mundial de multimilionários. De acordo com o

Hurun Report, o número de milionários ultrapassou um milhão pela primeira vez na China em 2010. <sup>34</sup> 251 deles são bilionários em dólares, acima de apenas 15 bilionários há seis anos. <sup>35</sup> O relatório diz que *"metade dos milionários são donos de empresas, e o resto são investidores em ações ou imóveis ou são conhecidos na China como "colares dourados", ou executivos de alto nível. Os super-ricos da China são principalmente proprietários de negócios."* <sup>36</sup>

Esta crescente classe capitalista chinesa é, é claro, ainda substancialmente menor do que seus rivais dos EUA, mas já está em pé de igualdade com outros rivais imperialistas. De acordo com o *World Wealth Report 2012*, publicado pela Capgemini e *RBC Wealth Management*, a China tem o quarto maior número de super-ricos, atrás apenas dos EUA, Japão, Alemanha, mas à frente da Grã-Bretanha, França e Canadá. <sup>37</sup> Outra lista dos super-ricos - medindo o número dos chamados "indivíduos com patrimônio líquido ultra-alto", definidos como aqueles com ativos líquidos superiores a US \$ 50 milhões - coloca a China (atrás dos EUA) em segundo lugar, com 4.700 representantes (5,6% do total global), seguido pela Alemanha (4.000), Japão (3.400), Reino Unido (3.200) e Suíça. <sup>38</sup> O *Boston Consulting Group* chega a resultados ligeiramente diferentes, classificando a China em terceiro lugar na lista de famílias milionárias. <sup>39</sup> O quadro geral, no entanto, é bastante claro: a emergência da China como uma nova potência imperialista foi acompanhada pela formação de uma classe de capitalistas monopolistas super-ricos.

### **Exploração e superexploração da classe trabalhadora**

A base material para o salto da China para uma potência imperialista foi a criação de uma enorme quantidade de valor capitalista através da enorme superexploração de sua classe trabalhadora. Quase não houve qualquer outro poder capitalista na história do século 20 (exceto a fase do fascismo), que poderia não só explorar sua classe trabalhadora, mas também extrair enormes lucros extras pela superexploração da maioria do proletariado. Este é o "segredo" por trás do milagre econômico chinês.

Após a derrota histórica da classe trabalhadora chinesa entregue pela burocracia estalinista reacionária em junho de 1989, a classe trabalhadora foi massivamente roubada de seus ganhos sociais. <sup>40</sup> Eles introduziram com sucesso a lei do valor na economia e transformaram os trabalhadores em uma mercadoria como no mundo capitalista. Um autor da *China Left Review* resumiu essa mudança fundamental adequadamente com as seguintes palavras:

*"A economia chinesa hoje é capitalista, argumentei, porque as relações de emprego foram transformadas ao longo das linhas capitalistas. Membros da unidade de trabalho foram expropriados; eles perderam seus direitos de membro e agora são simplesmente contratados. Essa mudança fundamental permitiu às empresas chinesas agirem como empresas capitalistas. Livres de responsabilidades de longo prazo para seus funcionários, eles agora podem tratar a mão de obra como um insumo flexível, o que lhes permite focar na maximização do lucro. Isso é*

*verdade não apenas para as empresas privadas, mas também para as empresas estatais restantes e todos os híbridos público-privados intermediários."* 41

Um dos ataques foi a introdução de salários por peça, em que cada trabalhador recebia um salário individual de acordo com seus resultados de trabalho individuais. Outro foi a mudança do emprego vitalício para um sistema de contratos de trabalho. Sob esse novo sistema, os trabalhadores tinham que assinar e renovar seus contratos com a administração anualmente, de forma individual. Apesar da longa resistência dos trabalhadores, a burocracia estatal finalmente conseguiu implementá-lo. Portanto, enquanto em 1986 apenas 6% dos trabalhadores nas empresas estatais eram colocados sob o sistema de contrato, essa proporção aumentou para um quarto de todos os trabalhadores das estatais em 1994. 42

Um passo decisivo na implementação do baixo valor nas empresas estatais da China foi uma onda implacável de demissões. De acordo com números oficiais, apresentados no *Diário do Povo* do Partido Comunista Chinês, fala-se de mais de 26 milhões de trabalhadores demitidos entre 1998 e 2002:

*"Na segunda sessão plenária da 30ª reunião do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo (CNP), a legislatura máxima da China, Zhang explicou aos legisladores chineses que, durante o período de 1998 a meados deste ano, um total de 26,11 milhões de funcionários das SOE foram demitidos, dos quais 17,26 milhões desde então foram reempregados."* 43

Outro relatório de um pesquisador que trabalha no *Instituto de Relações Industriais da China*, que é o Instituto do sindicato oficial da Federação dos Sindicatos da China, dá a cifra de "*cerca de 30 milhões de empregados, ou metade da força de trabalho total das SOE*". 44 Se olharmos para um período mais longo, há estimativas de que a classe capitalista chinesa demitiu entre 1993 e 2006 aproximadamente 60 milhões de funcionários das empresas estatais. 45

Essa onda de demissões em massa fazia parte da implementação completa da lei capitalista de valor na economia estatal da China. Em 2005, mais de 85% das SOEs de pequeno e médio porte foram reestruturados e privatizados, de acordo com um relatório do pesquisador chinês Dongtao. 46

Outro instrumento decisivo foi a utilização do antigo sistema de registro domiciliar, criado pela burocracia estalinista em 1958. De acordo com esse sistema (chamado hukou na China) "*os residentes não tinham permissão para trabalhar ou viver fora dos limites administrativos de seu registro doméstico sem a aprovação das autoridades. Uma vez que eles deixaram seu local de registro, eles também deixariam para trás todos os seus direitos e benefícios. Para fins de vigilância, todos, incluindo moradores temporários em trânsito, foram obrigados a se registrar junto aos policiais de seu local de residência e sua residência temporária. Na década de 1970, o sistema tornou-se tão rígido que 'camponeses poderiam ser presos apenas por entrar em cidades'*." 47

Dada a pobreza rural e as oportunidades de emprego nas cidades, milhões e milhões de camponeses rurais, em sua maioria jovens, mudaram-se para as cidades para encontrar emprego. Esses ex-camponeses ou jovens camponeses que se mudaram para as cidades são chamados de migrantes na China. Essa categoria é enganosa, pois geralmente é usada para pessoas que se mudam de um para

outro país. Na verdade, são trabalhadores migrantes rurais para urbanos. No entanto, não é por acaso que essas pessoas são chamadas de migrantes, porque há uma importante semelhança entre eles e aqueles que internacionalmente são chamados de migrantes: eles se mudam para áreas onde vivem muitas vezes ilegalmente e sem direitos e reivindicam a seguridade social. Assim, essas ex-pessoas rurais se mudam para as cidades onde muitas vezes são ilegais e – por causa do sistema hukou – não têm acesso a moradia, emprego, educação, serviços médicos e seguridade social.

O Estado lhes dá pouca educação, mas os joga como forragem de máquina no processo de produção. 40,3% dos trabalhadores migrantes têm apenas nível fundamental de escolaridade, 48% têm ensino médio e apenas 11,6% alta escolaridade. Os capitalistas empurram o valor dos trabalhadores migrantes como força de trabalho constantemente para o mínimo físico. Suas condições de vida são muito pobres; a maioria deles vive em casas de má qualidade, tendas, sob pontes e túneis ou até mesmo porta-malas de carros. 48

Esses migrantes logo se tornaram uma grande força motriz para o processo capitalista de super-exploração. O número de trabalhadores migrantes na China passou de cerca de 30 milhões (1989), para 62 milhões (1993), 131,8 milhões (2006) e, no final de 2010, seu número cresceu para cerca de 242 milhões. Na capital, Pequim, cerca de 40% da população total são trabalhadores migrantes, enquanto em Shenzhen cerca de 12 milhões do total de 14 milhões de pessoas são migrantes. Esses trabalhadores migrantes são geralmente empurrados para trabalhos pesados e com baixos salários. De acordo com o *China Labor Bulletin*, os migrantes compõem 58% de todos os trabalhadores da indústria e 52% no setor de serviços. A proporção de trabalhadores migrantes nas indústrias manufatureira e na construção civil atingiu 68% e 80%, respectivamente. 49

Outro estudo também mostra que os trabalhadores migrantes se dirigindo dos setores rurais para urbanos tornaram-se a maior proporção da força de trabalho, com cerca de dois terços de todos os trabalhadores não agrícolas. Tornaram-se dominantes em diversos setores importantes: 90% em Construção Civil, 80% em Mineração e Extração, 60% em Têxteis e 50% em Comércio de Serviços Urbanos. (Ver Tabela 53)

**Tabela 53: Migrantes rurais-urbanos como proporção da força de trabalho total (em %) 50**

**Table 53: Rural-to-Urban Migrants as a Proportion of Total Workforce (in %) <sup>556</sup>**

<i>Industry</i>	<i>Proportion of Total Workforce (per cent)</i>
Construction	90%
Mining and Extraction	80%
Textiles	60%
Urban Service Trades	50%



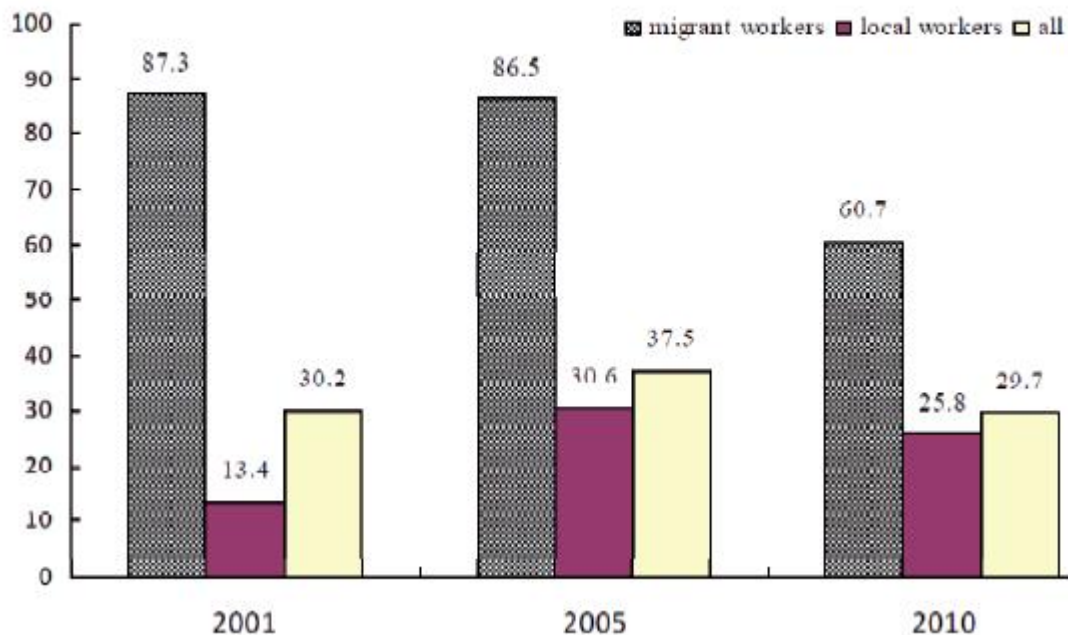
### Proporção da indústria da força de trabalho total (em porcentagem)

Relacionado a isso está a existência de um enorme setor informal que, dadas as suas condições precárias, é um terreno fértil para a super-exploração. De acordo com dados oficiais do Banco Mundial e de um instituto estatal chinês, o setor informal representou nos anos 2000 por 30%-37% da força de trabalho urbana total. (Ver Figura 66) <sup>51</sup>

**Figura 66: Participação do Emprego Informal no Mercado de Trabalho Urbano entre trabalhadores migrantes e locais na China, 2001-2010 (em %) <sup>52</sup>**

**Figure 66: Share of Informal Employment in Urban Labor Market amongst Migrant and Local Workers in China, 2001-2010 (in %) <sup>560</sup>**

**FIGURE 4.4 Size and composition of informal employment in urban labor market various years**



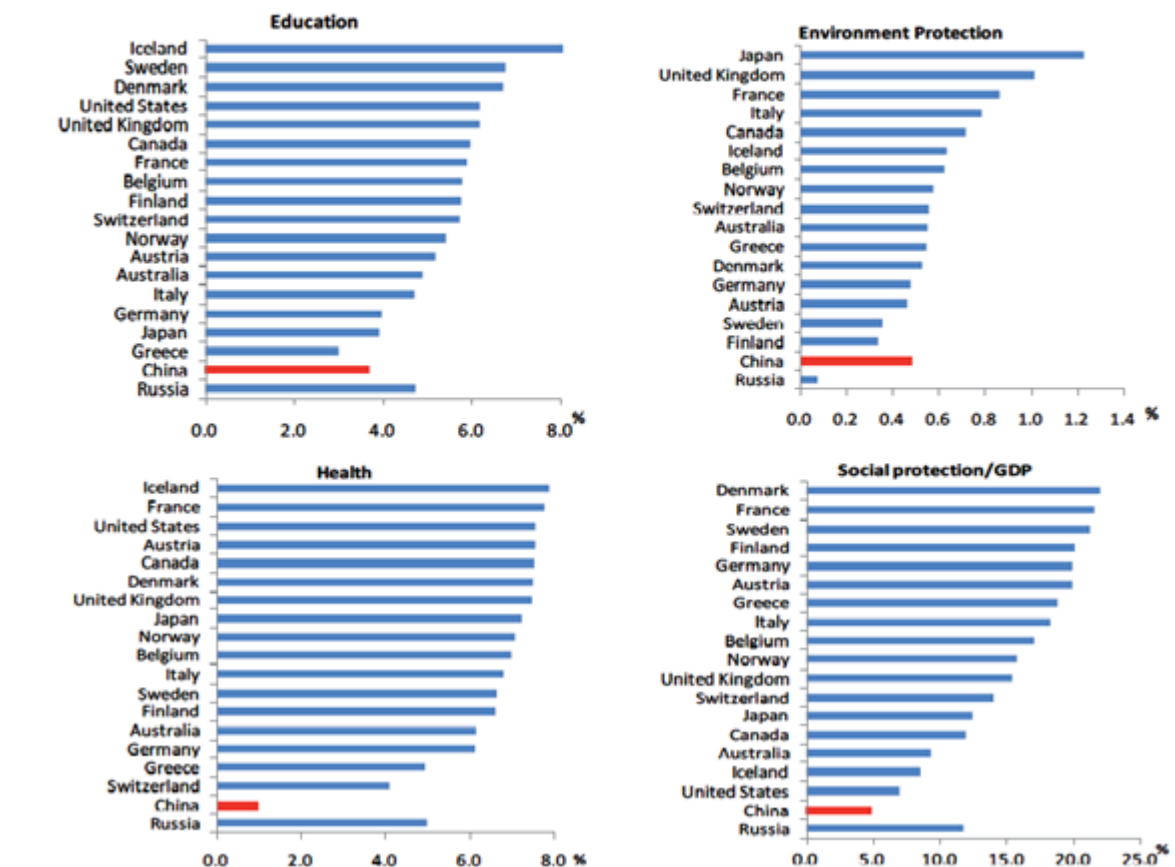
Essa super-exploração dos trabalhadores – onde a classe governista estalinista deprimiu seus salários abaixo de seu valor – é a principal razão para o espetacular crescimento dos lucros. Lembramos aos nossos leitores os números sobre a China que reproduzimos no Capítulo 5 "*Exploração crescente, super-exploração e a redução do valor da força de trabalho*". Eles mostraram que a participação dos salários dos trabalhadores industriais no valor de manufatura da China caiu acentuadamente de 52,3% em 2002 para 26,2% em 2008. Os salários totais caíram como parte do PIB de 57% em 1983 para apenas 37% em 2005 até 2010.

Com base nisso, os capitalistas conseguiram aumentar maciçamente a produtividade do trabalho na manufatura entre 2000 e 2008 em 6,7% e na economia total entre 1990 e 2008 em uma média de mais de 9% ao ano. <sup>53</sup> Isso significa nas palavras do The Economist: "A produção que costumava levar 100 pessoas em 1990 exigia menos de 20 em 2008." <sup>54</sup>

A exploração maciça da classe trabalhadora chinesa torna-se também visível a partir de uma comparação dos gastos do governo. Embora a China gaste uma proporção semelhante ou não muito abaixo de sua renda anual total para educação e proteção ambiental, seus gastos para o apoio mais essencial para as massas trabalhadoras como a saúde e a proteção social estão muito atrás de outros países capitalistas – observe a comparação dos gastos entre 1/3 ou 1/5 dos países da OCDE . <sup>55</sup> (Ver Figura 67)

Figura 67: Comparação entre países dos gastos governamentais para educação, saúde, meio ambiente e proteção social como parte do PIB, China e outros países, 2007 e 2009 (em %) <sup>56</sup>

Figure 67: Cross Country Comparison of Government Expenditures for Education, Health, Environmental and Social Protection as a share of GDP, China and other countries, 2007 and 2009 (in %) <sup>562</sup>



O brutal processo de exploração capitalista piora cada vez mais as perspectivas de emprego para setores dos estratos superiores da classe trabalhadora e da classe média também. De acordo com um relatório oficial, em 2007 havia um total de 5,67 milhões de universitários e 4,95 milhões de universitários. Mais de 60% dos graduados da universidade enfrentarão o desemprego e seus salários médios são esperados ficarem em torno do nível dos trabalhadores migrantes. <sup>57</sup>

Ao mesmo tempo já existem algumas tendências que indicam a formação de uma pequena camada de uma aristocracia trabalhista. Um estudo focado no desenvolvimento econômico e social das chamadas "Zonas Econômicas Especiais", onde existem condições particularmente favoráveis para os capitalistas e todas as outras cidades, mostrou a diferença entre os salários reais da camada superior e dos estratos mais baixos dos trabalhadores. Usando dados oficiais, chegou à conclusão de que tanto nas "Zonas Econômicas Especiais" quanto em todas as outras cidades a diferença entre os 10% mais altos e os 10% inferiores cresceu em 1988-2001 de menos de 2000 Yuan (em 1985 unidades), para quase 10.000 Yuan. Outra figura calculada pelo mesmo autor mostra a crescente diferença entre os salários de camada superior e os salários médios. (Ver Figuras 68 e 69)

**Figura 68: Desigualdade nos Salários Reais em Zonas Econômicas Especiais e Todas as Outras Cidades entre a camada superior e inferior dos Trabalhadores, 1988-2001 (em Yuan em 1985 unidades) <sup>58</sup>**

**Figure 68: Inequality in Real Wages in Special Economic Zones and All Other Cities between top and bottom layer of Workers, 1988-2001 (in Yuan in 1985 units) <sup>564</sup>**

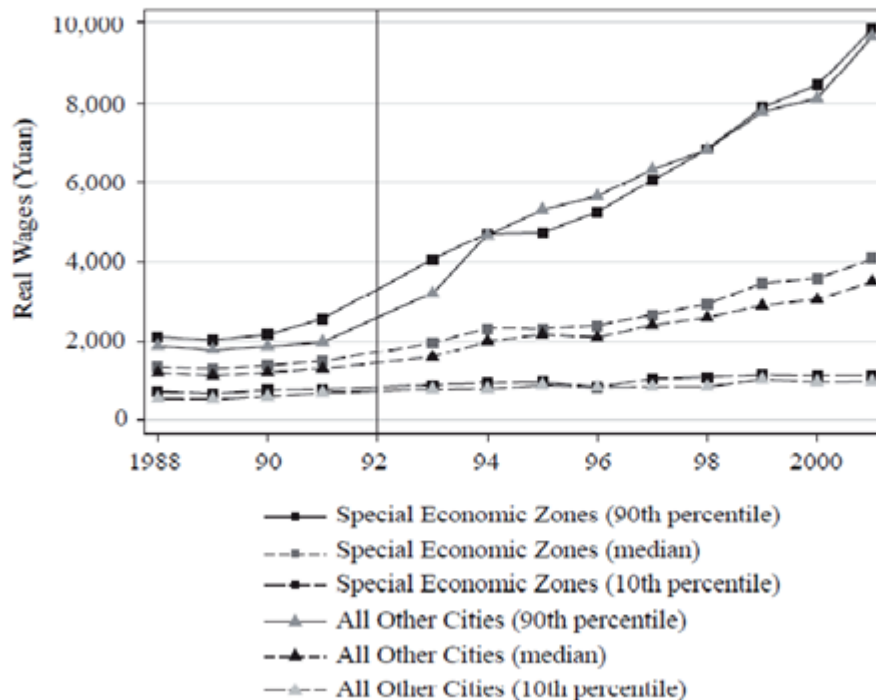
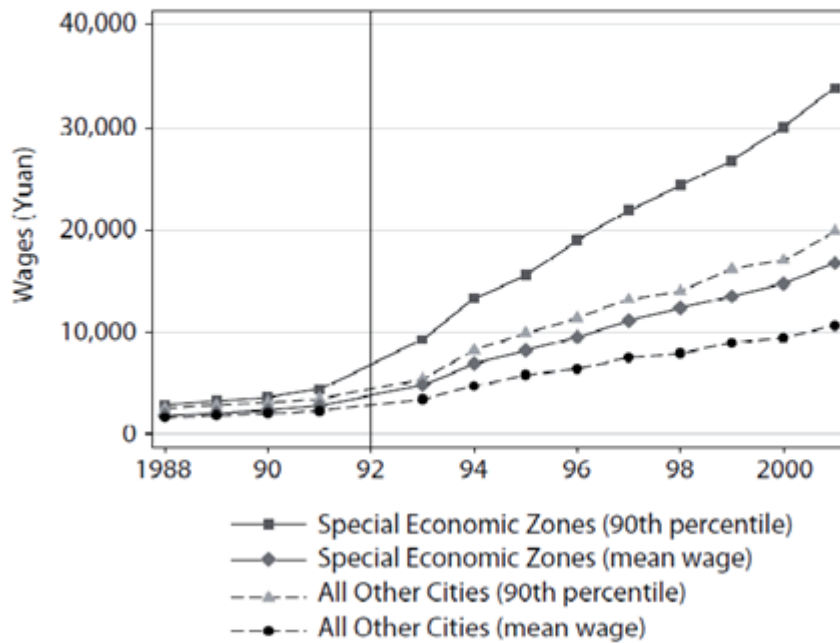


Figura 69: Desigualdade nos Salários Nominais em Zonas Econômicas Especiais e Todas as Outras Cidades entre a camada superior e mediana dos Trabalhadores, 1988-2001 (em Yuan) <sup>59</sup>

Figure 69: Inequality in Nominal Wages in Special Economic Zones and All Other Cities between top and median layer of Workers, 1988-2001 (in Yuan)

566



Como resultado desses ataques maciços, os capitalistas chineses recebem de seus trabalhadores uma taxa significativa de superávit. A taxa de exploração da classe trabalhadora chinesa é substancialmente maior do que, por exemplo, a taxa de exploração dos trabalhadores americanos ou europeus. O pesquisador chinês Dongtao apresenta uma série de números que indicam um enorme aumento da taxa de exploração da classe trabalhadora chinesa nas últimas duas décadas:

"Os salários constituem menos de 10% do custo total das empresas chinesas, enquanto que para os países desenvolvidos é de cerca de 50%. No Delta do Rio Pearl, a produtividade é de cerca de 17% da dos EUA, mas os salários dos trabalhadores são apenas cerca de 6,7% dos EUA. De 1990 a 2005, a remuneração do trabalho como proporção do PIB caiu de 53,4% para 41,4% na China. De 1993 a 2004, enquanto o PIB chinês aumentou 3,5 vezes, os salários totais aumentaram apenas 2,4 vezes. De 1998 a 2005, nas SOEs e empresas industriais de grande escala, o percentual do total de salários/lucros caiu significativamente de 240% para 43%." <sup>60</sup>

Os trabalhadores da China estão furiosos com a brutal exploração capitalista. Um grupo de pesquisadores chineses pró-classe trabalhadora relatou recentemente sobre o aumento dos

sentimentos entre os trabalhadores contra os chefes e a nostalgia da época antes das reformas de mercado serem introduzidas:

*"As condições trazidas pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção proporcionaram aos trabalhadores tradicionais da China uma sólida percepção da realidade. Trabalhadores demitidos podiam ser ouvidos exclamando: "Mao nos deu a Tigela de Arroz de Ferro. Deng cutucou nossos olhos, Jiang Zemin pisou em nós, e Zhu Rongji nos chutou de lado. Um trabalhador da Jihua Tractor disse: "Nos últimos anos houve um rápido desenvolvimento, que está inegavelmente ligado a uma forma capitalista de acumulação primitiva. A acumulação primitiva que ocorreu ao longo de cem anos durante o início do capitalismo levou apenas alguns anos para ser realizada em Jihua! Os trabalhadores lamentariam que "Durante a Dinastia Qing, custaria uma fortuna para cuidar de um funcionário local. Os custos de um oficial qing pálido em comparação com os quadros de hoje! (...) Quando Mao estava no poder, os trabalhadores tinham bom humor, não eram facilmente intimidados e eram os mestres da fábrica. Desde Deng, os trabalhadores não têm um centavo para gastar. Agora seu poder foi entregue a estrangeiros e líderes que exploram e oprimem trabalhadores, servindo aos interesses de uma pequena minoria. O Estado é apenas socialista no nome, não na realidade." 61*

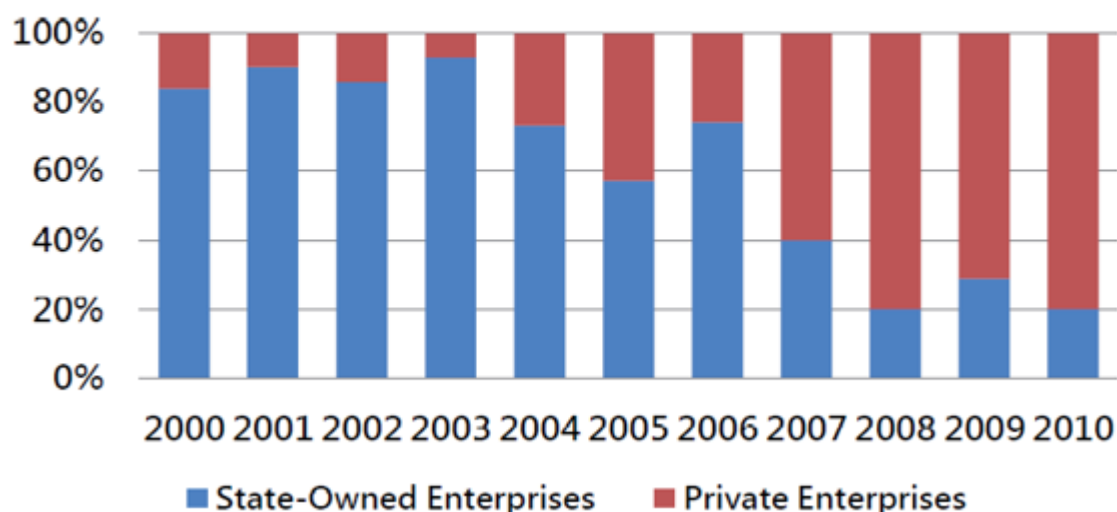
É natural que a classe trabalhadora chinesa esteja se esforçando para lutar por seus direitos, apesar do regime draconiano da ditadura estalinista-capitalista. Os desenvolvimentos nos últimos anos indicam uma militância massivamente crescente. Os protestos populares chamados "incidentes em massa" aumentaram, de acordo com estatísticas oficiais da Academia chinesa de Ciências Sociais, de 60 mil (2006) para mais de 80 mil (2007). Esta publicação foi descontinuada – obviamente a burocracia temia que esses números pudessem ter um efeito ainda mais inspirador. No entanto, há estimativas de que em 2009 já ocorreram 90 mil "incidentes em massa" e o sociólogo chinês Sun Liping estima que o número para 2010 foi mesmo de 180 mil. 62

O foco dos protestos dos trabalhadores mudou nos anos 2000 do setor estatal para as empresas privadas. (Ver Figura 70) Isso não é surpreendente, uma vez que a classe trabalhadora está cada vez mais empregada neste setor. No entanto, como Pei Haide aponta na *China Left Review*, a resistência dos trabalhadores nas empresas estatais possui um potencial particularmente explosivo para lutas políticas e militantes. Só podemos concordar com a conclusão dos autores:

*"... as contradições entre a classe trabalhadora tradicional e os capitalistas se aguçam à medida que as SOEs são reestruturadas. De fato, a reestruturação torna-se o ponto de partida para as lutas dos trabalhadores. Em segundo lugar, a classe trabalhadora tradicional luta para seus interesses econômicos, exigindo que as fábricas paguem seus salários atrasados, e paguem o dinheiro de suas contas de pensão e seguro médico. Em essência, a luta da classe trabalhadora tradicional com a classe capitalista é uma luta política." 63*

**Figura 70: Distribuição de Protestos de Trabalhadores em Empresas Estatais e Privadas, 2000-2010 (em %) 64**

**Figure 70: Distribution of Workers Protests in State-Owned and Private Enterprises, 2000-2010 (in %) <sup>568</sup>**



O pesquisador chinês QI Dongtao relata que entre 1995 – quando a *Lei do Trabalho chinês* entrou em vigor em todo o país – e 2006, o número de casos de disputa trabalhista aumentou de 33.030 para 447.000, ou em mais de 12 vezes. O número de casos de disputa por milhão de trabalhadores aumentou de cerca de 48 para 585, ou em mais de 11 vezes. <sup>65</sup> Na Tabela 54 encontramos uma lista concreta do crescente número de trabalhadores que lutam na China e suas características.

**Tabela 54: Aumento anual das disputas trabalhistas na China 1995-2006 <sup>66</sup>**

*Year=ano/ LDAC=Comitê de arbitragem de disputas trabalhistas*

*Cases accepted by LDAC=Casos aceitos pela LDAC*

**Workers involved in labour disputes**=*Trabalhadores envolvidos em disputas trabalhistas/* **disputes per million workers**=quantidade de trabalhadores com ações trabalhistas em milhões/ **collective disputes**= disputas trabalhistas coletivas/**workers involved collective disputes**=quantidade de trabalhadores em disputas trabalhistas/**percentage of workers in collective disputes against the total number of labourers in disputes**=porcentagem de trabalhadores em disputas coletivas comparados como número total de trabalhadores em disputas individuais



**Table 54: Annual Increase in Labor Disputes in China 1995-2006** <sup>571</sup>

Year	Cases accepted by LDAC <sup>a</sup>	Workers involved in labour disputes	Disputes per million workers <sup>b</sup>	Collective disputes	Workers involved collective disputes	Percentage of workers in collective disputes against the total number of labourers in disputes
1996	33,30	122,512	47.93	2,588	77,340	63.13
1996	47,951	189,120	69.65	3,150	92,203	48.75
1997	71,524	221,115	102.76	4,109	132,647	59.99
1998	93,649	358,531	133.87	6,767	251,268	70.08
1999	120,191	473,957	170.28	9,043	319,241	67.36
2000	135,206	422,617	190.03	8,247	259,445	61.39
2001	154,621	556,230	211.74	9,847	286,680	51.54
2002	184,116	608,396	249.68	11,024	374,956	61.63
2003	226,391	801,042	304.16	10,823	514,573	64.24
2004	260,471	764,981	346.37	19,241	477,992	62.48
2005	313,773	744,195	413.81	19,387	409,819	55.07
2006	447,000	680,000	585.08	14,000	350,000	51.47

O exemplo internacionalmente mais proeminente para a luta popular foi a Revolta em Wukan no final de 2011, onde o povo local expulsou os funcionários do partido e seus provocadores policiais e criou uma comuna na área liberada.

A classe dominante teme cada vez mais os protestos dos trabalhadores e, como reação, gasta grandes somas para construir um aparato de repressão ainda maior para esmagar a classe trabalhadora no caso de tentar repetir uma Revolta como na primavera de 1989. Em março de 2012, o governo anunciou que planejava gastar US\$ 111 bilhões este ano em segurança doméstica – este é o orçamento global para polícia, segurança do Estado, milícia armada, tribunais e prisões e outros itens de "segurança pública". Trata-se de um aumento de 11,5% em relação a 2011, e US\$ 5 bilhões a mais do que o orçamento militar deste ano. <sup>67</sup> Um observador observou que as crescentes desigualdades sociais e regionais na China levarão a uma rebelião *"tão longa e árdua luta quanto foi a Guerra Civil nos Estados Unidos"*. <sup>68</sup>

Este enorme aparato de repressão doméstica também é necessário porque outro aspecto do imperialismo emergente da China é a opressão de seus mais de 100 milhões de minorias nacionais e étnicas – suas colônias internas. E essas minorias nacionais também desejam se livrar do regime estalinista-capitalista dominado pelo Han, como mostrou a revolta repetida no Tibete e no Leste-Turquestão (chamado Xinjiang pelos han-chineses) nos últimos anos.

## Exportação de capital como capital de títulos e empréstimos

Uma das características mais importantes de uma burguesia imperialista é a formação de monopólios que exportam capital. De fato, tal desenvolvimento aconteceu na China durante a última década. Já mostramos acima os números de monopólios chineses que entraram na liga das maiores corporações globais. Como resultado, a China aumentou enormemente sua exportação de capital.

O rápido crescimento da China como exportador de capital ocorre tanto no nível de investimento produtivo quanto no nível de capital monetário (títulos, empréstimos etc.). Como resultado de seu imenso processo rápido de acumulação de capital, o imperialismo chinês também acumulou enormes volumes de capital monetário. Isso se expressa em um extraordinário rápido crescimento de suas reservas cambiais. Essas reservas explodiram de US\$ 165 bilhões em 2000 para US\$ 3,305 bilhões em março de 2012. <sup>69</sup> Como tal, as reservas cambiais da China equivalem à soma combinada dos próximos 6 maiores detentores de reservas cambiais! É claro que as reservas cambiais não são pacotes de dinheiro em papel que é pessoal em um capital seguro, mas monetário, que é colocado em circulação para garantir ao titular um juro, ou seja, uma parte do valor excedente criado pelo respectivo país. Normalmente, as reservas cambiais são investidas em depósitos relativamente seguros, como títulos públicos, depósitos no *Banco para Assentamentos Internacionais ou Direitos Especiais de Saque* (SDRs) mantidos pelo Fundo Monetário Internacional. De fato, cerca de 83% dos ativos totais da China de US\$ 3,4 trilhões são reservas cambiais e a maior parte é investida em títulos soberanos estrangeiros. <sup>70</sup>

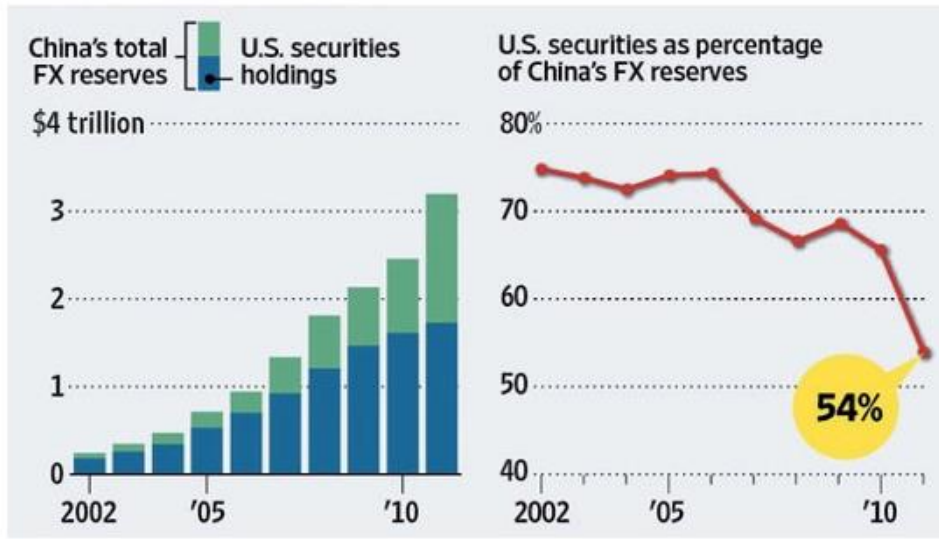
Na Figura 71 podemos ver o crescimento explosivo das reservas cambiais chinesas entre 2002 e 2011. Ao mesmo tempo, podemos ver que ela se tornou uma parte essencial da dívida pública dos EUA. Recentemente, tornou-se o maior detentor de títulos estrangeiros da dívida dos EUA. De todos os detentores de dívida dos EUA, a China está com US\$ 1,73 trilhão o terceiro maior, atrás apenas de duas instituições governamentais dos EUA – as participações do Fundo de Seguridade Social de quase US\$ 3 trilhões e as quase US\$ 2 trilhões em investimentos do Tesouro. <sup>71</sup>

Ao mesmo tempo, a classe dominante da China está diversificando seus depósitos de títulos públicos estrangeiros. Como mostra o mesmo valor, Pequim reduziu suas participações em títulos americanos como uma parte de suas participações totais. Essa participação caiu de 75% em 2002 para 54% em 2011. Recentemente, o capital estatal da China começou a comprar ações da dívida pública da zona do euro. Em fevereiro de 2012, o primeiro-ministro da China, Wen Jiabao, disse na cúpula UE-China: "A Europa é um principal destino de investimento para a China diversificar suas reservas cambiais." Já no primeiro semestre de 2011, os governos asiáticos – essencialmente Japão e China – representaram entre 14% e 24% das compras de três títulos da EFSF no valor de € 13 bilhões. Espera-se que esses volumes tenham crescido desde então. <sup>72</sup>



Figura 71: Reservas cambiais da China e suas Participações em Valores Mobiliários dos EUA, 2002-2011 73

Figure 71: China's Foreign Exchange Reserves and its US Securities Holdings, 2002-2011 <sup>577</sup>

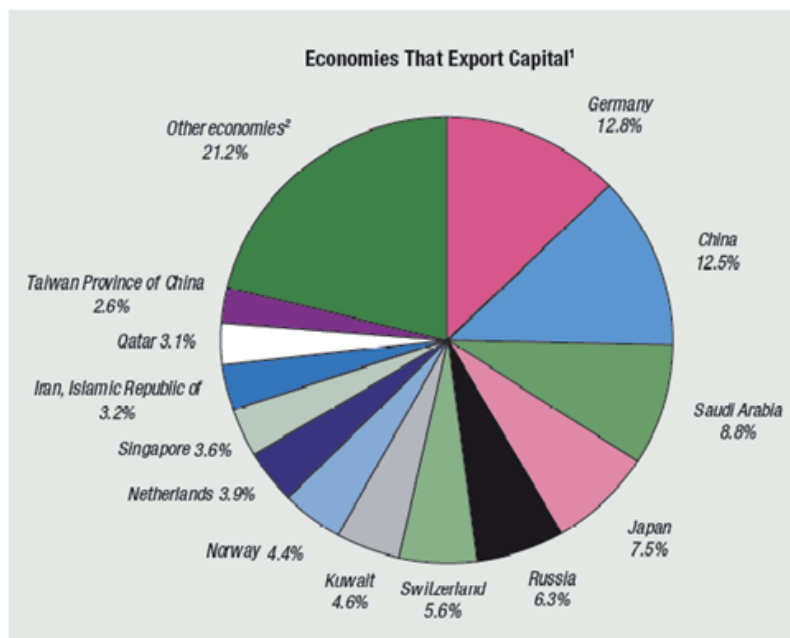


A China também é um credor ativo em empréstimos bilaterais. De acordo com o "Financial Times", os bancos chineses emergiram como um grande financiador nos últimos anos. Já está emprestando mais dinheiro aos chamados países em desenvolvimento do que ao Banco Mundial. O *Banco de Importação de Exportação da China* e o *Banco de Desenvolvimento da China* assinaram empréstimos de pelo menos US\$ 110 bilhões para outros governos e empresas de países em desenvolvimento em 2009 e 2010 (o Banco Mundial se comprometeu com US\$ 100,3 bilhões de meados de 2008 a meados de 2010). O objetivo desses empréstimos é – como geralmente é o caso de empréstimos estatais a governos estrangeiros – para apoiar as exportações chinesas e empresas no exterior. 74

Não surpreende, portanto, que a China esteja hoje perto de ser o maior exportador de capital líquido, apenas ligeiramente atrás da Alemanha. (Como podemos ver na Figura 72 que reproduzimos do *Relatório global de estabilidade financeira do FMI* em abril de 2012)

Figura 72: China como o segundo maior exportador de capital líquido do mundo, 2011 75

Figure 72: China as the world second biggest Net Capital Exporter, 2011 <sup>580</sup>



#### Exportação de capital como investimento estrangeiro direto

No entanto, o capital da China não está apenas ativo no mercado internacional de empréstimos e títulos, mas também como um investidor estrangeiro no setor industrial e de matérias-primas. Desde que a China emergiu recentemente como uma potência imperialista, ela ainda é mais fraca no mercado global do que as potências imperialistas que dominaram por mais de um século. Assim, na Tabela 55 vemos que as antigas potências imperialistas como os EUA, a Grã-Bretanha, a Alemanha ou a França ainda têm um estoque externo de Investimento Estrangeiro Direto (IED) maior que a China. No entanto, este último já não está muito atrás da Itália imperialista.

Tabela 55: índice de Investimentos Estrangeiros Diretos-IED por países, 2011 (índice de participação Global do IED) 76

**Table 55: FDI Outward Stock by Country, 2011 (share of global FDI Stock)**

581

<i>Country</i>	<i>FDI outward stock 2011 (as share of global FDI stock)</i>
<b>World</b>	100
<b>France</b>	6.4%
<b>Germany</b>	6.8%
<b>Britain</b>	8.1%
<b>Italy</b>	2.4%
<b>Canada</b>	3.1%
<b>USA</b>	21.1%
<b>Japan</b>	4.5%
<b>China</b>	1.7%
<b>Hong Kong</b>	4.9%

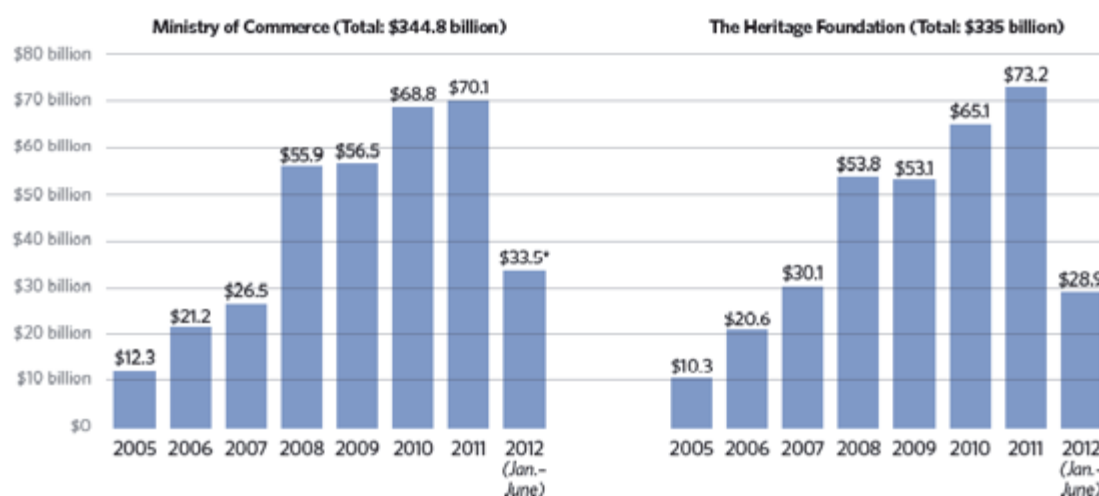
<sup>581</sup> UNCTAD: World Investment Report 2012, pp. 169-172

No entanto, é preciso ter em mente que a China começou há apenas alguns anos seus enormes impulsos de investimento estrangeiro. Lembre-se que mostramos na Tabela 30 acima que a participação da China nas ações globais do IED foi de 0,2% em 1990 e 0,4% em 2000. Desde então, mais do que quadruplicou para 1,7%.

Isso é por causa do rápido processo de recuperação nos anos 2000. A Figura 73 demonstra esse rápido crescimento desde 2005. Esta figura, publicada pelo think tank burguês dos EUA *The Heritage Foundation*, compara os cálculos oficiais e o Patrimônio, mas as diferenças não são significativas. De acordo com as estatísticas oficiais chinesas, o IED do país nos anos de 2005 a meados de 2012 foi de US\$ 344,8 bilhões, enquanto a Heritage Foundation dá a cifra de US\$ 335 bilhões.

**Figura 73: Investimento Externo da China, 2005 – meados de 2012 (em bilhões de dólares) 77**

**Figure 73: China's Outward Investment, 2005 – mid 2012 (in billion of US-Dollar)** <sup>582</sup>



Na Tabela 56 comparamos os fluxos anuais do IED externo de vários países imperialistas nos últimos cinco anos. Pode-se ver que o imperialismo chinês já superou em rivais de Investimento Estrangeiro Direto como Canadá ou Itália e já atingiu o nível de países como a Alemanha.

**Tabela 56: Fluxos de IED de países selecionados, 2006-2011 (em bilhões de dólares americanos)**

78

**Table 56: FDI flows from selected countries, 2006-2011 (in billion US-Dollars)** <sup>583</sup>

Country	FDI inward stock					FDI outward stock				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
World	1.975	1.790	1.197	1.309	1.524	2.198	1.969	1.175	1.451	1.694
France	96	64	24	30	40	164	155	107	76	90
Germany	80	8	24	46	40	170	72	75	109	54
Britain	196	91	71	50	53	272	161	44	39	107
Italy	43	-10	20	9	29	96	67	21	32	47
Canada	114	57	21	23	40	57	79	41	38	49
USA	215	306	143	197	226	393	308	266	304	396
Japan	22	24	11	-1	-1	73	128	74	56	114
China	83	108	95	114	123	22	52	56	68	65
Hong Kong	54	59	52	71	83	61	50	63	95	81

## **Uma nota sobre o papel de Hong Kong no investimento estrangeiro direto**

Neste ponto, precisamos fazer uma observação sobre o lugar de Hong Kong nestas estatísticas. Embora tenhamos apresentado os números para Hong Kong, nós nos referimos apenas aos números da China. Isso parece estranho, já que Hong Kong faz parte do Estado chinês desde 1997. No entanto, deixamos de fora Hong Kong deliberadamente porque uma série de investimentos estrangeiros diretos em Hong Kong são originários da China e voltam para a China. A razão para isso foi que o governo estalinista-capitalista da China ofereceu privilégios fiscais a empresas estrangeiras que investiram na China. Como resultado, muitos capitalistas chineses investiram formalmente em Hong Kong para reinvestir seu capital na China. No entanto, isso deveria ter terminado nos últimos anos desde que o governo da China parou esses privilégios fiscais em 2008.

O economista John Smith escreve: "*Outro exemplo desse tipo de distorção é o chamado triplo do investimento chinês através de Hong Kong, no qual o investimento interno aparece como IED — estima-se que até metade de todo o IED para dentro na China se enquadra nessa categoria.*" 79

Este é um fato importante porque também significa que o papel dos investimentos estrangeiros diretos na China é substancialmente superestimado. Significa que o significado das antigas capitais imperialistas na China é menos do que se pensava.

Outra razão para dispensar Hong Kong é que esta ex-colônia britânica serve como um centro para muitas corporações multinacionais ocidentais para mais investimentos em outros países asiáticos. Portanto, uma parte significativa do IED saindo de Hong Kong é, na verdade, o IED imperialista ocidental.

No entanto, mesmo excluindo Hong Kong, a China tornou-se o quarto maior investidor externo do mundo em 2010. 80

## **Onde a China está investindo no exterior?**

Para quais regiões e países a China está investindo no exterior? Na tabela 57 s – que se baseia nos cálculos mais recentes publicados pela *The Heritage Foundation* –, podemos ver que os capitalistas chineses investiram desde 2005 quantidades significativas de capital em todas as regiões. Os países mais importantes para os investimentos em títulos da China são (calculados em Bilhões de Dólares): Austrália (45,3), EUA (42), Brasil (25,7), Indonésia (23,3), Nigéria (18,8), Canadá e Irã (cada 17,2) e Cazaquistão (12,3). Não estão listados nesta tabela, mas também importantes são investimentos de

cerca de US\$ 5 bilhões na Grécia e na Venezuela de cerca de US\$ 8,9 bilhões. (Números de 2005-2010) 81

**Tabela 57: Destinos da Exportação de Capital da China (Investimento Não-Bond) de 2005 a meados de 2012 (em bilhões de dólares americanos) 82**

<b>Table 57: Destinations of China's Capital Export (Non-Bond Investment) from 2005 to mid-2012 (in billion of US-Dollar) <sup>587</sup></b>	
<i>Destination</i>	<i>\$ Billion</i>
<i>Western Hemisphere</i>	<b>95.2</b>
Brazil	25.7
Canada	17.2
Argentina	11.7
<i>Europe</i>	<b>60.3</b>
Britain	11.9
France	8.2
Switzerland	7.3
<i>Sub-Saharan Africa</i>	<b>77.1</b>
Nigeria	18.8
South Africa	8.2
D.R. Congo	7.8
<i>Arab World</i>	<b>52.7</b>
Saudi Arabia	11.4
Algeria	10.5
United Arab Emirates	8.2
<i>West Asia</i>	<b>66.0</b>
Iran	17.2
Kazakhstan	12.3
Russia	11.4
<i>East Asia</i>	<b>66.7</b>
Indonesia	23.3
Vietnam	8.8
Singapore	7.7
<i>USA</i>	<b>42.0</b>
<i>Australia</i>	<b>45.3</b>

Em quais setores o capital chinês investe? Dado o tamanho da China, o rápido crescimento e a falta de matérias-primas, muitos de seus investimentos estrangeiros vão para o setor de mineração. Desde 2003, quase 55% do Greenfield IED da China e 27% de suas transações de Fusões & Aquisições ocorreram no setor de mineração. 83 Este foco no petróleo, gás e outras matérias-primas também é visível da Tabela 58 que dá as somas dos Investimentos do tipo *Não-Bond* (*títulos não obrigatórios*) da China para os anos de 2005-2010. Essa tendência permaneceu inalterada nos últimos dois anos. (Ver Figura 74)

Tabela 58: Investimentos Não-Bond da China pelo Tipo 2005-2010 (em bilhões de dólares) 84

Table 58: China's Non-Bond Investment by Type 2005-2010 (in billion of US-Dollar) <sup>590</sup>

<i>Sector</i>	<i>Investment</i>
Energy and power	\$92.2 billion
Finance and real estate	\$38.4 billion
Metals	\$55.1 billion
Transport	\$4.6 billion
Other	\$3.2 billion

Figura 74: Composição setorial dos recentes investimentos estrangeiros da China, julho de 2009 - junho de 2011 (em bilhões de dólares) 85

Figure 74: Sectoral Composition of China's recent Foreign Investments, July 2009 - June 2011 (in billion of US-Dollar) <sup>591</sup>

Energy and Power	61.8
Metals	22
Finance and Real Estate	16.5
Transport	6.8
Agriculture	6.4
Technology	3.7
Other Industry	3.2
<b>Total</b>	<b>120.4</b>

Os monopólios da China também compram cada vez mais grandes players ocidentais no mercado financeiro. Um autor do *Federal Reserve Bank* dos EUA publica relatórios de compras pela China Investment Corporation, o fundo soberano da China, de uma participação de 9,9% no Morgan Stanley e no The Blackstone Group. O Banco de Desenvolvimento da China, controlado pelo Estado, comprou uma participação de 3,1% no Barclays; e o grupo privado Ping An Insurance comprou uma participação de 4,2% na Fortis. O ICBC, o maior banco comercial controlado pelo Estado da China, comprou uma participação de 20% do South African Standard Bank Group. 86

Mostramos acima o domínio do setor capitalista estatal entre os monopólios da China. Portanto, não surpreende que as empresas estatais também desempenham um papel dominante nos investimentos estrangeiros do país, que é realizado pelas mais de 34 mil afiliadas estrangeiras controladas por cerca de 12 mil empresas-matrizes chinesas. 87

Em 2009, mais de 2/3 das saídas do IED da China eram das SOEs controladas centralmente e uma parte do restante era de empresas parcialmente de propriedade ou controladas pelo Estado, ou por governos provinciais ou municipais. 88

O domínio do setor estatal-capitalista é particularmente forte nos projetos maiores. A Heritage Foundation relata: "*Em termos de grandes negócios, porém, as SOEs dominam absolutamente. As SOEs representaram 96% do valor do dólar dos investimentos chineses de 2005 a meados de 2012. O papel privado tem sido mínimo.*" <sup>89</sup>

Segundo dados oficiais, os quatro super-monopólios estatais – as gigantes petrolíferas *China National Petroleum Corporation-CNPC* e *China Petroleum and Chemical Corporation-Sinopec*, o fundo soberano *China Investment Corporation-CIC* e o conglomerado de metais *Aluminum Corporation of China Limited-Chinalco* – respondem por cerca de metade dos gastos chineses desde 2005. <sup>90</sup> Na Figura 75 mostramos os ativos estrangeiros das SOEs não bancárias chinesas em 2010.

**Figura 75: Ativos Estrangeiros das principais SOEs não-bancários da China, 2010 (em Bilhões de Dólares Americanos) <sup>91</sup>**

**Figure 75: Foreign Assets of China's main non-banking SOEs, 2010 (in Billion US-Dollars) <sup>91</sup>**



### Super-exploração das semicolônias

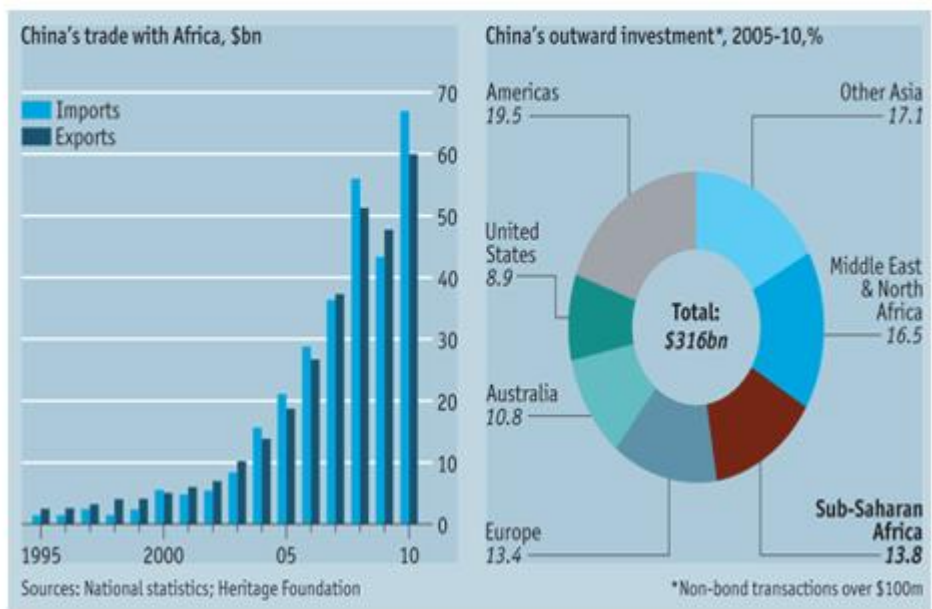
Como vimos acima na Tabela 5, os monopólios da China direcionam uma proporção significativa de seus investimentos estrangeiros para países semicoloniais como Nigéria, Brasil, Indonésia, Irã, Cazaquistão, Grécia ou Venezuela. Pode-se assumir com segurança que um grande número dos cerca de 800 mil funcionários estrangeiros de corporações chinesas está localizado em países semicoloniais. <sup>92</sup>



Embora seja verdade que a China ainda está substancialmente por trás das antigas potências imperialistas em ações de investimento estrangeiro direto externo, seu papel nos países semicoloniais está aumentando rapidamente. Em 2010, a China tornou-se o terceiro maior investidor da América Latina, atrás dos EUA e dos Países Baixos <sup>93</sup> A China também é o maior parceiro comercial da África e compra mais de um terço de seu petróleo do continente. <sup>94</sup> (Veja as duas Figuras 76 e 77)

**Figura 76: Comércio da China com a África, 1995-2010 (Importação e Exportação em Bilhões de Dólares) <sup>95</sup>**

**Figure 76: China's Trade with Africa, 1995-2010 (Import and Export in Billion US-Dollars) <sup>99</sup>**



**Figura 77: Comércio da China com Ásia Oriental e África Subsaariana (Participação das Exportações para a China em %), 1990 e 2010 <sup>96</sup>**

**Figure 77: China's Trade with East Asia and Sub-Saharan Africa (Share of Exports to China in %), 1990 and 2010** <sup>603</sup>

	1990	2010
<b>Developing East Asia</b>		
Final manufactures	33	33
Parts & components	10	47
Raw materials	35	16
<b>Sub-Saharan Africa</b>		
Final manufactures	7	5
Parts & components	8	0
Raw materials	67	88

Entre outros investimentos estratégicos, como companhias petrolíferas etc., os monopólios chineses se concentram no controle de projetos de infraestrutura centralmente importantes, como os portos. Por exemplo, a China já investiu US\$ 200 milhões na construção de um porto moderno em Gwadar, na província do Sudoeste do Paquistão, Baluchistão, cuja minoria nacional é severamente reprimida pelo Estado paquistanês (com o apoio de dinheiro e armas dos EUA e da China). 97

Outro exemplo é a tomada da mina de níquel Ramu Nickel de US\$ 1,37 bilhão da Papua-Nova Guiné pela *China Metalurgical Construction Corporation* (MCC) – uma das maiores e mais lucrativas empresas estatais da China – juntamente com três empresas siderúrgicas chinesas. É o maior investimento da China no Pacífico Sul. Nos próximos 20 anos, produzirá 31.150 toneladas de níquel e 3.300 toneladas de cobalto por ano, que serão enviadas para a China. 98 Comunidades locais resistiram o melhor possível contra esses projetos porque devasta a área e envenena a água. A baía local de Basamuk está ameaçada de se tornar a área de despejo de 100 milhões de toneladas de rejeitos da mina de Ramu nos próximos 20 anos. Isso destruirá as condições de vida da população local. 99

Da mesma forma, a gigante estatal chinesa de navegação Cosco assumiu recentemente o maior porto da Grécia, Pireu, que também é um dos portos mais importantes da região do Mediterrâneo Oriental. Cosco assinou um contrato de 35 anos e pagou US\$ 4,2 bilhões pelos direitos. Segundo relatos, a Cosco está buscando transformar Pireus em um porto muito maior para rivalizar com Roterdã, na Holanda, que atualmente é o maior porto europeu. O objetivo é dobrar o tráfego em Pireu para 3,7 milhões de contêineres até 2015. Cosco também se expandiu recentemente na Itália, para o porto de Nápoles. 100

### **Forças Militares da China**

A China é um poder crescente não só na economia, mas também no terreno político e militar. Entre 2002 e 2011, a China aumentou seus gastos militares em 170%. De acordo com o *Instituto Internacional*

de Pesquisa da Paz de Estocolmo (SIPRI), tem hoje o segundo maior orçamento militar do mundo, superado apenas os EUA. (Ver Tabela 59)

**Tabela 59: O 10 maior gastador militar em 2011 (em bilhões de dólares americanos) 101**

**Table 59: The 10 largest military spender, 2011 (in billion of US-Dollar) <sup>606</sup>**

<i>Country</i>	<i>\$Billions spent</i>
1. USA	711
2. China	143
3. Russia	71.9
4. UK	62.7
5. France	62.5
6. Japan	59.3
7. India	48.9
8. Saudi Arabia	48.5
9. Germany	46.7
10. Brazil	35.4

Some-se a isso que a China é a quinta maior potência nuclear mundial, atrás dos EUA, Rússia, Grã-Bretanha e França. 102 Os militares da China se modernizaram rapidamente na última década e possui sérias capacidades militares para guerras ofensivas. Recentemente provou que é capaz de derrubar satélites.

A China não é apenas o segundo maior gastador militar e a quinta maior potência nuclear; também é o lar de grande fabricante de armas. Em sua lista, o SIPRI nomeia os monopólios de armas chineses como o quinto maior concorrente no mercado global de armamento, como podemos ver na Tabela 60.

**Tabela 60: O 10 maior exportador de armas principais em 2010 (participação do mercado global) 103**

**Table 60: The 10 largest Exporter of Major Arms,  
2010 (share of global Market) <sup>608</sup>**

<i>Country</i>	<i>Global Share (in %)</i>
1. USA	30
2. Russia	24
3. Germany	9
4. France	8
5. UK	4
6. China	4
7. Spain	3
8. Netherlands	3
9. Italy	3
10. Israel	2

O pano de fundo para este impulso ao armamento é que a China como uma nova potência imperialista emergente é marcada por um déficit histórico: é uma potência imperialista tardia. Isso significa que suas áreas circundantes já estão na esfera de influência de outros poderes hegemônicos. Para o Norte e Oeste, o rival é principalmente a Rússia, enquanto – e este é hoje o aspecto mais importante – ao seu Sul e Leste é os EUA e o Japão. Isso significa que a China só pode criar sua (semi-)esfera colonial de influência confrontando abertamente outras Grandes Potências. A este respeito, seu destino não é diferente da situação histórica da Alemanha no final do século XIX e na primeira metade do século XX, que só poderia criar seu império desafiando as grandes potências existentes como França, Grã-Bretanha e Rússia.

### **A Luta pelo controle sobre o Mar do Sul da China (ou Leste)**

A China tem uma longa agenda de objetivos imperialistas para os quais precisará de forças militares fortes. Entre eles está seu objetivo de longa data de reconquistar Taiwan por qualquer meio necessário. Outra é garantir seu domínio em seu *mare nostrum* (nosso mar), o *Mar do Sul da China* (os chineses o chamam assim, enquanto o Vietnã o chama de Mar do Leste). Este mar não é apenas importante para a China, mas para toda a economia mundial capitalista: um quarto da tonelagem de petróleo do mundo e metade da tonelagem de mercadorias do mundo atualmente passam por suas águas. <sup>104</sup> Os estrategistas militares chineses desenvolveram o conceito *Two Island Chains* (*Cadeias de duas Ilhas*) – uma área que eles desejam dominar e controlar. Como se pode ver, a primeira linha – também chamada de "linha de nove traços" – na verdade reivindica o mar completo para a China, deixando apenas a área costeira para todos os outros países vizinhos como Vietnã, Malásia ou Filipinas. A segunda linha vai mais longe e, obviamente, o confronto é com os poderosos interesses dos vizinhos, em particular o Japão imperialista. (Ver Figura 78)

Figura 78: Cadeia de duas ilhas da China no Mar do Pacífico 105



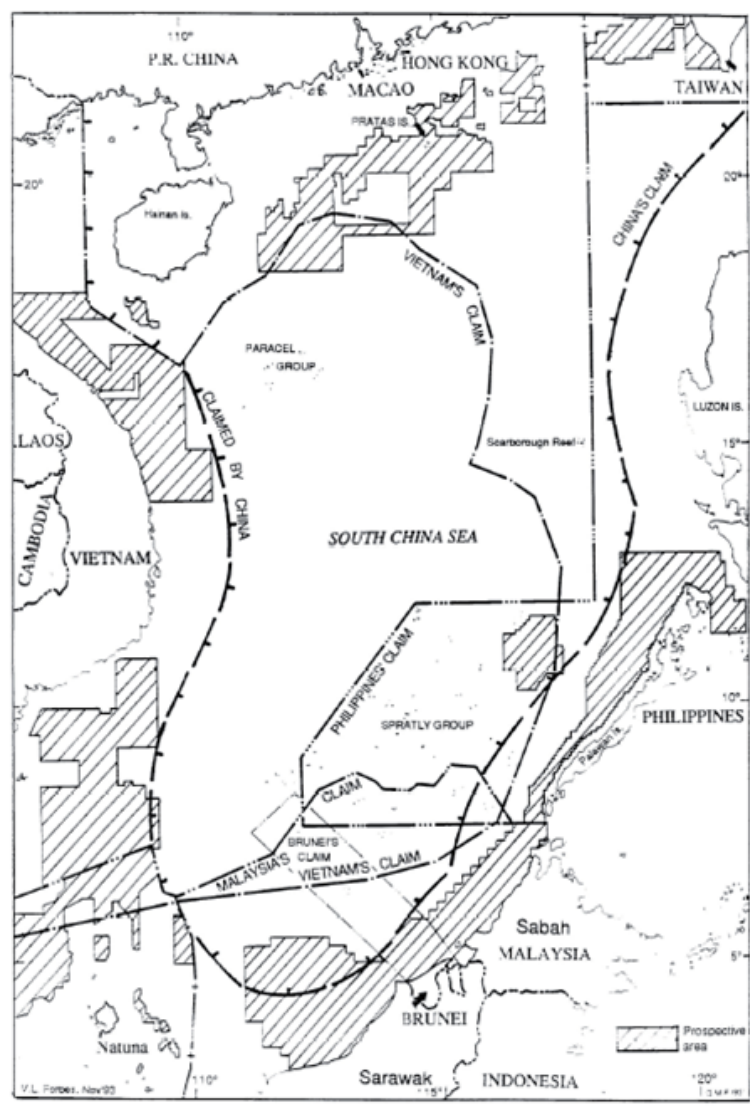
**Figure 4: The First and Second Island Chains.** PRC military theorists refer to two "island chains" along China's maritime perimeter. The First Island Chain includes Taiwan and the Ryuku Islands, the Second Island Chain extends from Japan to Guam.

Além de sua importância para o comércio marítimo mundial, o Mar do Sul da China (ou Leste) também contém grandes recursos naturais. É responsável por aproximadamente 10% da pesca global anual, tornando-a extremamente importante para as indústrias pesqueiras de países próximos. <sup>106</sup> A China é o maior consumidor e exportador de peixes do mundo. Para o Vietnã, a indústria pesqueira é ainda mais crucial. O comércio de frutos do mar foi o segundo maior ganhador de câmbio em 2010, respondendo por 7% de suas exportações de US\$ 71,6 bilhões. A captura de pesca do Vietnã também fornece cerca de metade do consumo total de proteínas de uma parcela significativa da população. <sup>107</sup>

O Mar do Sul da China (ou Leste) também é importante, uma vez que há indícios de existência de grandes recursos de petróleo e gás. Alguns já falam de um "*segundo Golfo Pérsico*". As estimativas sobre o tamanho do recurso diferem fortemente. Enquanto um levantamento geológico dos EUA em 1993-1994 sugeriu 28 bilhões de barris de petróleo dentro de toda a área, algumas estimativas chinesas reivindicaram cerca de 105 bilhões de barris de petróleo dentro das Ilhas Spratly e das Ilhas Paracel. O ministério chinês de terra e recursos estima recursos de 55 bilhões de toneladas de petróleo e 20 trilhões de metros cúbicos de gás. Embora sejam estimativas, reservas comprovadas já foram encontradas. Em 2006, a empresa canadense Husky Energy, que trabalha com a National Offshore Oil Corporation (CNOOC) anunciou uma descoberta de reservas comprovadas de gás natural de 4 a 6 trilhões de pés cúbicos. 108

Um resultado disso é o conflito persistente da China com seus países vizinhos como Filipinas, Taiwan, Vietnã e Malásia sobre o controle sobre as Ilhas Spratly, mas também outras áreas como as Ilhas Paracel. (Ver Figura 79) Toda classe capitalista quer obter uma parte o maior possível do mar rico em recursos.

**Figura 79: Reivindicações de Soberania no Mar do Sul da China** 109



É lógico que, como consequência desses interesses conflitantes, uma corrida armamentista tenha começado na região. A China – como mostramos acima – aumentou drasticamente suas capacidades militares. Mas não é apenas a China que está construindo dramaticamente seus recursos militares; militarização está progredindo em toda a região do Sudeste Asiático. Os orçamentos de defesa dos vizinhos da China aumentaram cerca de um terço na última década. As importações de armas para a Indonésia, Cingapura e Malásia aumentaram 84%, 146% e 722%, respectivamente, desde 2000. Os gastos são principalmente em plataformas navais e aéreas: navios de guerra de superfície, submarinos com sistemas avançados de mísseis e caças de longo alcance. O Vietnã recentemente gastou US\$ 2 bilhões em seis submarinos russos de última geração da classe Kilo e US\$ 1 bilhão em caças russos. A Malásia acaba de abrir uma base submarina em Bornéu. 110

Dada a importância estratégica do Mar ao sul da China, o imperialismo dos EUA está determinado a impedir o controle de seu rival. Até agora, os EUA construíram estreitas alianças com estados regionais que lhe permitem controlar bases militares no Japão, Coreia do Sul, Guam, Austrália, Cingapura ou Filipinas.

Recentemente, o secretário de Defesa dos EUA, Leon Panetta, realizou um discurso em 2 de junho de 2012 na décima primeira cúpula anual de defesa do *Diálogo Shangri-La* em Cingapura. Nesse encontro, ele enfatizou que desde que a guerra no Iraque acabou e os níveis de tropas dos EUA estão diminuindo no Afeganistão, o presidente Barack Obama aprovou uma estratégia direcionando para a Ásia no ano passado. Ele pediu a expansão das alianças americanas com "parceiros do tratado de defesa" na Ásia-Pacífico, como Austrália, Japão, Nova Zelândia, Filipinas, Coreia do Sul e Tailândia. Assim, os Estados Unidos planejam posicionar 60% de sua marinha na região até 2020. 111

Em um de seus mais recentes documentos de estratégia, o Pentágono dos EUA formula seu desejo de manter seu status hegemônico no Pacífico nas típicas palavras diplomáticas, que, no entanto, não devem cegar ninguém dos motivos imperialistas por trás deles:

*"A longo prazo, o surgimento da China como potência regional terá o potencial de afetar a economia dos EUA e nossa segurança de várias maneiras. Nossos dois países têm uma forte participação na paz e estabilidade no leste da Ásia e no interesse em construir uma relação bilateral cooperativa. No entanto, o crescimento do poder militar da China deve ser acompanhado de maior clareza de suas intenções estratégicas, a fim de evitar causar atritos na região."* 112

A secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, explicou a lógica por trás dessa mudança de estratégia no outono de 2011 em um artigo com o título simbólico *America's Pacific Century O Século da América No Pacífico*: Encaixado em frases diplomáticas, ela expressou claramente os interesses estratégicos do imperialismo dos EUA em fortalecer sua hegemonia sobre a região do Pacífico, a fim de aumentar os lucros dos monopólios dos EUA:

*"Aproveitar o crescimento e o dinamismo da Ásia é central para os interesses econômicos e estratégicos americanos e uma prioridade fundamental para o presidente Obama. Mercados abertos na Ásia oferecem aos Estados Unidos oportunidades sem precedentes de investimento, comércio e acesso à tecnologia de ponta. Nossa recuperação econômica em casa dependerá das exportações e da capacidade das empresas americanas de explorar a vasta e crescente base de consumidores da Ásia. Estrategicamente, manter a paz e a segurança em toda a Ásia-Pacífico é cada vez mais crucial para o progresso global, seja através da defesa da liberdade de navegação no Mar do Sul da China, contra os esforços de proliferação da Coreia do Norte ou da garantia da transparência nas atividades militares dos principais atores da região."* 113

Para enfatizar sua reivindicação de influência sobre o Mar do Sul da China, Hillary Clinton, declarou em um discurso no Fórum Regional da ASEAN no Camboja, em julho de 2012, que os Estados Unidos têm um "interesse nacional" nos assuntos do mar: *"Como uma nação do Pacífico e poder residente, os Estados Unidos têm um interesse nacional na liberdade de navegação, na manutenção da paz e estabilidade, respeito ao direito internacional e comércio legal sem obstáculos no Mar do Sul da China."* 114



A frase de Clinton "*defendendo a liberdade de navegação no Mar do Sul da China*" é claramente dirigida contra qualquer desejo hegemônico da China. Aqueles com conhecimento da história podem lembrar que o slogan "*defender a liberdade de navegação*" era a frase tradicional do colonialismo britânico para ameaçar a guerra contra qualquer rival.

Dadas as fraquezas militares do Japão, funcionários do governo em Tóquio elogiaram o plano dos EUA. Um alto funcionário do Ministério da Defesa japonês é citado dizendo: "*O poder de dissuasão em todo o Pacífico Ocidental será mais forte.*"<sup>115</sup>

Não deve haver ilusões sobre uma solução pacífica da rivalidade interna-imperialista das Grandes Potências. Uma guerra imperialista entre as grandes potências EUA e China está se tornando cada vez mais inevitável na próxima década. Ambas as potências precisam de controle sobre o leste da Ásia, que é central para a produção de valor capitalista mundial, bem como para o comércio.

A crescente rivalidade entre essas duas Grandes Potências se reflete em vários livros e artigos de estrategistas burgueses ocidentais e chineses que já esperam uma guerra que se aproxima. Robert D. Kaplan, um estrategista altamente influente dos EUA que foi nomeado pelo ministro da Defesa Gates para o Conselho Consultivo de Política de Defesa, publicou um artigo em 2005 com o título programático: "*Como lutaríamos contra a China*". Ele advertiu: "*Dadas as apostas, e dado o que a história nos ensina sobre os conflitos que emergem quando grandes potências buscam interesses legítimos, o resultado provavelmente será o conflito militar definidor do século XXI: se não uma grande guerra com a China, então uma série de impasses de estilo da Guerra Fria que se estendem ao longo de anos e décadas.*" <sup>116</sup>

Michael Auslin, um estudioso do American Enterprise Institute, de direita dos EUA, declarou recentemente que as ações de Pequim no Mar do Sul da China "*inflamaram ainda mais as tensões e tornaram menos provável um acordo negociado das disputas territoriais da Ásia-Pacífico*". <sup>117</sup> Outro autor, escrevendo em um diário do establishment militar australiano, chega à conclusão de que "... *tendências sistêmicas sugerem que um futuro de uma guerra de uma grande potência na Ásia-Pacífico parece cada vez mais provável.*" <sup>118</sup>

Da mesma forma, o think tank imperialista International Crisis Group alertou em um estudo de julho de 2012:

*"A falha em reduzir os riscos de conflitos, combinado com os fatores econômicos e políticos internos que estão empurrando os demandantes para um comportamento mais assertivo, mostra que as tendências no Mar do Sul da China estão indo na direção errada. O risco de escalada é alto, e como a pressão na região ameaça ferver, os reclamantes se beneficiariam de tomar medidas concretas em direção à gestão conjunta de recursos de hidrocarbonetos e pesca, bem como para chegar a um terreno comum sobre o desenvolvimento de um mecanismo para diminuir ou colocar em baixa escala os incidentes, mesmo que não possam concordar com uma abordagem global para a resolução de controvérsias. Na ausência de tal mecanismo, as tensões no Mar do Sul da China poderiam ser facilmente levadas a níveis irreversíveis."* <sup>119</sup>

É claro que os enormes riscos de tal guerra se tornar nuclear não passam despercebidos. Hugh White, um influente especialista em segurança australiano, está plenamente ciente dos riscos potenciais de

tal conflito militar: "Qualquer conflito entre os Estados Unidos e a China tem uma chance real de se tornar nuclear". <sup>120</sup>

O estrategista norte-americano Paul Stares, que está intimamente ligado ao círculo de poder de Washington, escreveu recentemente em seu prefácio para um estudo sobre as relações EUA-China: *"Se a experiência passada for um guia, os Estados Unidos e a China se encontrarão envolvidos em uma grave crise em algum momento no futuro"*. (121) A mesma linha é propagada por Max Hastings, um influente jornalista britânico, que publicou em novembro de 2011 um artigo com o título característico *"Será que a Terceira Guerra Mundial será entre os EUA e a China?"* <sup>122</sup>

Da mesma forma, o regime estalinista-capitalista em Pequim está determinado a obter controle total sobre o mar do Sul da China. O ministro das Relações Exteriores da China fez um discurso em 2011 no qual lembrou às nações do Sudeste Asiático que elas são pequenas, enquanto a China é muito grande. <sup>123</sup>

O *Global Times*, o jornal em inglês do *People's Daily* (*Diário do Povo*) – o principal órgão do partido Comunista da China – que muitas vezes atua como porta-voz internacional do regime, ameaçou o Vietnã abertamente com a guerra em junho de 2011:

*"A China tem que enviar uma mensagem clara de que tomará todas as medidas necessárias para proteger seus interesses no Mar do Sul da China. Se o Vietnã continuar a provocar a China nesta região, a China primeiro lidará com ela com as forças policiais marítimas e, se necessário, contra-atacará com as forças navais. A China deve afirmar claramente que, se decidir revidar, também retomará as ilhas anteriormente ocupadas pelo Vietnã. Se o Vietnã quer começar uma guerra, a China tem a confiança para destruir navios de guerra do Vietnã invasores, apesar das possíveis objeções da comunidade internacional. Os EUA podem adicionar alguma incerteza no Mar do Sul da China. A China lidará com isso com cuidado, e não é provável que se envolva em um confronto direto com os EUA. A ascensão da China veio ao custo do aumento dos riscos estratégicos no sul. A China continuará sua dedicação à paz e ao desenvolvimento, mas tem que estar pronta para enfrentar confrontos e confrontos. A provocação do Vietnã pode se tornar uma pedra de toque."* <sup>124</sup>

No entanto, os objetivos imperialistas da China não se limitam ao leste da Ásia. A revista geopolítica australiana *"Desafios de Segurança"* apontou recentemente:

*"Com muita frequência, o engajamento da China com a África é visto historicamente e emanando puramente de motivações econômicas não adulteradas para recursos e acesso ao mercado. Essa leitura ignora a forma como o comércio da China e as buscas por segurança energética são indicativos de um plano estratégico mais amplo para desafiar a dominação ocidental tradicional dentro da África e, em última instância, criar uma alternativa crível à ordem global predominante que se alinha mais estreitamente com os interesses da China, ao mesmo tempo em que corroe os fundamentos do domínio global ocidental."* <sup>125</sup>

Resumindo, o Leste da Ásia e o Mar do Sul da China (ou Leste) é uma região prenhe de conflitos militares e guerras. Pode ser a arena para a próxima guerra imperialista – entre os EUA e a China.

## **Qual deve ser a posição da Classe Trabalhadora em possíveis guerras envolvendo o imperialismo americano e chinês e as nações do Sudeste Asiático?**

Como observamos acima, a Emergente China imperialista reivindica o controle completo sobre o mar que deixaria apenas uma pequena faixa marítima para todos os outros países vizinhos. Já houve vários confrontos armados entre as forças navais chinesas e vizinhas. Ao mesmo tempo – como dissemos – os conflitos militares entre a China e os EUA são uma possibilidade crescente. Como parte dessa rivalidade, o exército dos EUA está determinado a "ajudar" seus aliados semicoloniais como as Filipinas, aumentando assim a probabilidade de guerras por procuração.

Por isso, veremos guerras com interesses complexos e diferentes. Lênin gostava de citar o teórico militar prussiano Clausewitz, que disse que *"a guerra é a continuação da política por outros meios"*. Se os EUA forem para a guerra, será uma continuação de sua política para manter sua hegemonia imperialista por outros meios. Será uma guerra para manter a super-exploração imperialista dos EUA sobre os países semicoloniais nas regiões. Da mesma forma, se a China entrar em guerra, será uma continuação de sua política para se tornar uma das maiores potências imperialistas do mundo por outros meios. Neste caso, também será uma guerra para manter a super-exploração imperialista da China sobre países semicoloniais nas regiões.

Qual deve ser a abordagem da classe trabalhadora nos países em causa e globalmente? *A Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI)* escreveu em seu programa – *O Manifesto Comunista Revolucionário* – sobre guerras imperialistas:

*"Os bolcheviques-comunistas lutam em todos os lugares contra o militarismo burguês e a guerra imperialista. Rejeitamos categoricamente a política dos pacifistas, social-democratas e estalinistas que apelam para o desarmamento, para a mediação da ONU, a coexistência pacífica entre os Estados e a promoção da resistência não violenta. Os governantes com seus órgãos falantes como a ONU ou seus tribunais internacionais hipócritas nunca conseguem abolir a guerra no mundo. Isso só pode ser alcançado pela classe trabalhadora e pelos próprios povos oprimidos através da luta de classes intransigente – incluindo a luta armada. É por isso que defendemos um treinamento militar da classe trabalhadora sob seu próprio controle.*

*Nas guerras imperialistas, rejeitamos qualquer apoio à classe dominante. Defendemos a derrota do Estado imperialista. Nosso slogan é o de Karl Liebknecht: "O principal inimigo está em casa". Nosso objetivo é transformar a guerra imperialista em uma guerra civil contra a classe dominante.*

*Em conflitos militares entre estados imperialistas e estados trabalhadores estalinistas (como Cuba ou Coreia do Norte) ou povos e estados semicoloniais, pedimos a derrota do primeiro e para a vitória do lado não imperialista. Defendemos o último..."* 126

Assim, como bolcheviques-comunistas, rejeitamos tomar o lado de uma das duas potências imperialistas rivais – os EUA ou a China. É uma guerra das respectivas classes dominantes para aumentar sua hegemonia e super-exploração dos países semicoloniais. A tática correta, portanto, é o

derrotismo revolucionário onde os trabalhadores em ambos os campos levantam o slogan "*O principal inimigo está em casa*" e se esforçam para transformar a guerra imperialista em uma guerra civil contra sua própria classe dominante.

É um absurdo perigoso, de fato uma posição profundamente reacionária, de muitas forças reformistas e populistas de esquerda considerar a China não como um imperialista, mas sim um poder "socialista". Tal apoio à China por forças "socialistas" é igual ao social-imperialismo como escrevemos em nosso *Manifesto*:

*"Um desenvolvimento perigoso no passado recente é o apoio aberto ou semiaberto ao poder imperialista china por forças burguesas e pequeno-burguesas que se descrevem como socialistas. (Por exemplo, vários partidos estalinistas, Chávez e o movimento bolivariano) A classe trabalhadora não tem o menor interesse em apoiar uma fração de capital monopolista (por exemplo, a China e seus aliados) contra outro (por exemplo, EUA). O apoio de setores do reformismo ao grande poder emergente China nada mais é do que o "social imperialismo" – que é uma política imperialista disfarçada de frases sociais ou mesmo "socialistas". 127*

Qual posição a classe trabalhadora deve assumir em um conflito militar entre a China (ou os EUA) com um dos menores países do Leste Asiático? Aqui temos que levar em conta o fato de que países como Vietnã, Filipinas e Taiwan etc. não são potências imperialistas. São países capitalistas semicoloniais. No caso do Vietnã, devemos acrescentar que primeiro o Norte e desde meados da década de 1970 todo o país tornou-se um *Estado Operário Degenerado* governado por uma burocracia estalinista. No entanto, semelhante à China, esta burocracia estalinista empreendeu a restauração do capitalismo na década de 1990. Todos esses países são governados por uma classe capitalista. Mas estas não são classes dominantes que exploram outros países, mas são bastante dominadas e exploradas por potências imperialistas. Como dissemos em nosso programa, é princípio marxista defender tais países semicoloniais contra potências imperialistas.

No entanto, não é suficiente afirmar os princípios marxistas sobre as guerras. Na vida real, todas as formas de combinações, alianças, amálgamas de diferentes interesses etc. são possíveis e, de fato, são um aspecto importante da luta de classes. Ao formular a tática revolucionária correta, os marxistas têm de fundir a aplicação dos princípios marxistas da abordagem de classe às guerras com uma análise concreta de cada guerra em sua peculiaridade e totalidade.

Em relação ao Mar do Sul da China (ou Leste), isso significa o seguinte: Países como as Filipinas ou Taiwan tiveram estreitas alianças com o imperialismo dos EUA por muitas décadas – ou mais concretamente são semicolônias dos EUA. Diante desses fatos, é bem possível que possa haver uma guerra, por exemplo, entre as Filipinas e a China, como quase aconteceu no verão de 2012. Concretamente, neste caso, as forças militares Filipinas agiram em conformidade com as forças armadas dos EUA. Em tal guerra teríamos formalmente um poder imperialista (China) de um lado e um país semicolonial (Filipino) do outro lado. No entanto, na verdade seria uma guerra por procuração no caso das Filipinas, ou seja, eles agiriam como uma extensão do imperialismo dos EUA. Assim, a classe trabalhadora não deve se juntar para defender as Filipinas, mas deve tomar uma posição de derrotismo revolucionário como fariam em uma guerra inter-imperialista.

No entanto, nem todas as guerras na região são necessariamente guerra por procuração. O Vietnã, por exemplo – cujo povo heroicamente derrotou primeiro os japoneses, depois o imperialismo francês e finalmente os EUA em suas guerras de libertação no século XX – tem uma história de ser intimidado pela China. Basta lembrar o ataque reacionário da burocracia estalinista chinesa sobre o Vietnã em coordenação com o imperialismo dos EUA em 1979. Em princípio, o Vietnã tem o direito de usar o Mar do Leste para pescar não menos que a China. Sua resistência é justificada contra ser expulsa do Mar para que a China imperialista possa explorá-la sozinha. Assim, os bolcheviques-comunistas poderiam tomar em tal guerra uma posição revolucionária defensista do lado do Vietnã e uma posição derrotista sobre a China.

No entanto, o que estamos delineando aqui são apenas exemplos e possibilidades e nenhum compromisso para qualquer possível guerra futura. A verdade é concreta, como Lênin gostava de enfatizar, e é o maior dever de todos os marxistas estudar qualquer guerra futura concretamente. Os marxistas devem deduzir de tal análise se os trabalhadores devem se juntar para uma posição revolucionária defensista para o país semicolonial em causa ou se eles devem tomar uma posição revolucionária derrotista pedindo a derrota de ambos os lados.

Resumindo, os marxistas devem analisar todas as guerras – em particular onde envolve as nações imperialistas e semicoloniais – concretamente. Eles têm que descobrir se o impulso imperialista para subjugar uma determinada nação semicolonial é o aspecto dominante na guerra ou se é uma luta justa de defesa nacional está subordinada a uma guerra por procuração para uma potência imperialista. A partir disso, segue-se se os bolcheviques-comunistas tomam uma posição revolucionária derrotista ou revolucionária defensista sobre a luta da nação semicolonial.

### **Por que os governantes da China conseguiram se tornar imperialistas onde outros falharam?**

No final deste capítulo, queremos tratar brevemente de algumas questões teóricas sobre o surgimento da China como potência imperialista. Os governantes chineses certamente não foram os únicos que tentaram se tornar uma potência imperialista no passado recente. Mas eles tiveram mais sucesso do que outros. Por quê? Ao responder a esta pergunta, é interessante comparar a China com outra Grande Potência que também foi um Estado Operário Degenerado até o início dos anos 1990: a Rússia.

Os russos também tentaram se tornar uma potência imperialista e, de fato, tiveram sucesso por volta da virada do século. No entanto, apesar de a antiga URSS fosse muito mais industrializada que a China, possuisse um parque de máquinas muito mais desenvolvido, tecnologia e mão de obra qualificada, apesar de todas essas vantagens, a China hoje é o estado imperialista muito mais poderoso. Qual é a razão para isto?

Claro, existem vários motivos. Mas, como elaboramos aqui, a ascensão da China a uma potência imperialista tem como base seu rápido crescimento econômico. Como marxistas, sabemos que a única fonte de força econômica de uma classe capitalista é a quantidade de valor capitalista que ela se apropria. Este valor capitalista é o produto de uma classe - o proletariado. E a classe trabalhadora chinesa foi forçada a criar uma enorme quantidade de valor capitalista nas últimas duas décadas, que foi a base para a formação de monopólios chineses, toda uma classe de capitalistas e uma enorme quantidade de capital para exportar. Como apontamos acima, os governantes chineses foram capazes do que dificilmente qualquer outra classe capitalista conseguiu: *subjugar sua força de trabalho em sua maioria à superexploração*. Esta superexploração foi e é obviamente lucrativa para as empresas estrangeiras que produzem nas *Zonas Económicas Especiais da China*. Mas a classe capitalista chinesa lucrou muito mais com essa superexploração generalizada, uma vez que se apropriou de uma parcela muito maior da mais-valia produzida.

Mas por que os governantes chineses tiveram muito mais sucesso do que os russos? A resposta só pode ser encontrada na forma do processo de restauração capitalista. Tanto na China quanto na Rússia, o capitalismo foi restaurado no início dos anos 1990. Portanto, em ambos os casos, vimos contra-revoluções sociais. Mas as formas eram muito diferentes. Na China, a burocracia estalinista conseguiu esmagar brutalmente a classe trabalhadora e a juventude com o massacre na Praça Tiananmen em 4 de junho de 1989, onde matou milhares de ativistas. Depois de conseguir isso, eles puderam subjugar a classe trabalhadora, impor sobre ela a pior disciplina de trabalho possível (lembre-se do draconiano *sistema hukou*) e, portanto, espremeu por muitos anos, sem nenhuma interrupção, volumes maciços de valor capitalista.

Compare isso com os governantes russos. A burocracia estalinista estava em uma posição mais fraca contra sua classe trabalhadora. Não houve massacre da Praça Tiananmen. Quando uma ala dos burocratas dirigentes tentou uma “solução chinesa” entre 19 e 21 de agosto de 1991 (o golpe de Yanayev), ela falhou. Assim, enquanto na China vimos uma forma ditatorial de restauração capitalista, na Rússia tivemos uma contra-revolução democrática sob a liderança da ala Yeltsin da burocracia estalinista.

Essa diferença de forma foi importante e não acidental. Na Rússia, já tínhamos várias lutas de classes antes do golpe de agosto de 1991 (como as famosas greves de mineiros). Além disso, houve uma série de movimentos de massa de libertação nacional e democrática (no Báltico, no Cáucaso, etc.). Claro, essas greves e movimentos não foram suficientes para impedir a restauração capitalista, mas criaram enormes fendas e divisões no governo da burocracia estalinista para que se dividisse e fosse incapaz de apresentar uma “solução chinesa”.

Portanto, a tática correta para os marxistas nesses eventos históricos foi combinar a luta pela revolução política pelo poder da classe trabalhadora e contra a restauração capitalista com o apoio total aos trabalhadores chineses e à revolta da juventude em 1989. Na Rússia, em agosto de 1991, a luta pela revolução política teve que incluir a defesa das massas contra uma “solução chinesa” através do golpe de Yanayev e - depois de derrotado com sucesso - lutar contra a introdução do capitalismo por Yeltsin.

Tratemos brevemente de outro argumento levantado pela FLTI, corrente internacional em torno da LOI-DO na Argentina. 128 Aceitar a tese de que a China se tornou imperialista implicaria que o capitalismo ainda tem potencial para desenvolver as forças produtivas e isso não seria uma refutação da teoria do imperialismo de Lenin? 129 Nossa resposta é não. Na verdade, tal argumento denuncia uma falta de pensamento dialético.

Em primeiro lugar, Lenin afirmou explicitamente que entender a época imperialista como uma época de decadência não impede o rápido crescimento do capitalismo por algum tempo ou em alguns países. Ele escreveu isso em seu livro sobre o imperialismo:

*“Os monopólios, a oligarquia, a tendência para a dominação em vez da tendência para a liberdade, a exploração de um número cada vez maior de nações pequenas ou fracas por um punhado de nações riquíssimas ou muito fortes: tudo isto originou os traços distintivos do imperialismo, que obrigam a qualificá-lo de capitalismo parasitário, ou em estado de decomposição. Cada vez se manifesta com maior relevo, como urna das tendências do imperialismo, a formação de “Estados” rentistas, de Estados usurários, cuja burguesia vive cada vez mais à custa da exportação de capitais e do “corte de cupões”. Seria um erro pensar que esta tendência para a decomposição exclui o rápido crescimento do capitalismo. Não; certos ramos industriais, certos setores da burguesia, certos países, manifestam, na época do imperialismo, com maior ou menor intensidade, quer uma quer outra dessas tendências. No seu conjunto, o capitalismo cresce com uma rapidez incomparavelmente maior do que antes, mas este crescimento não só é cada vez mais desigual como a desigualdade se manifesta também, de modo particular, na decomposição dos países mais ricos em capital (Inglaterra).” 130*

Na verdade, como mostramos em publicações anteriores sobre a crise da economia mundial capitalista, o capitalismo global em sua totalidade estagnou e agora está em um período de declínio histórico. 131 Mas este não é um conceito mecânico e não significa que cada país no mundo inteiro esteja em declínio. Muito pelo contrário, como mostramos, as tendências de declínio, as crises de lucros nos principais centros do capitalismo mundial - os velhos monopólios imperialistas - levaram a uma crescente exportação de capital e superexploração do mundo semicolonial. É claro que o rápido crescimento da China e de outras chamadas economias emergentes não conseguiu e não pode impedir o declínio do capitalismo mundial. Apenas alguns falsos marxistas e charlatões, como pessoas em torno do grupo britânico “Revolução Permanente”, poderiam dizer que a China está liderando a economia mundial em uma longa curva de ascensão. Esta tese foi esmagada pela depressão em 2008/09 - a recessão mais profunda do mundo desde 1929 - da qual o capitalismo ainda não se regenerou.

Além disso, é preciso reconhecer que temos visto nas últimas décadas um declínio de longo prazo do imperialismo japonês e, posteriormente, do imperialismo norte-americano. O imperialismo da Europa Ocidental também sofre de obstáculos importantes com a falta de um aparelho de estado pan-europeu e uma economia unificada. Portanto, havia um enorme espaço para outra potência potencial se desenvolver e se tornar imperialista.

Certamente, é preciso reconhecer o caráter contraditório do imperialismo da China. Como um novo imperialismo emergente, vindo de um país onde as forças produtivas ainda são muito menos

desenvolvidas do que nos antigos países imperialistas, ele certamente é ainda mais fraco do que seus rivais em várias áreas. É natural que seja muito menos desenvolvido do que as antigas potências imperialistas que têm 100 anos ou mais atrás de si. No entanto, já ganhou uma força enorme, como mostramos. Na verdade, o imperialismo chinês é uma unidade contraditória de elementos avançados e atrasados em seu desenvolvimento econômico. Trai um pensamento muito mecanicista se excluirmos a possibilidade de saltos no desenvolvimento, inclusive no desenvolvimento econômico. Em uma de suas melhores apresentações da dialética materialista, Lenin enfatizou que uma característica essencial do desenvolvimento tanto na natureza quanto na história humana são os “saltos”, *a’ quebra na continuidade’, a’ transformação no oposto’, a destruição do antigo e o surgimento do novo*. <sup>132</sup> Será que tais saltos no desenvolvimento são realmente impossíveis se a China possui uma vantagem mais decisiva para seus rivais: a superexploração da maioria de sua classe trabalhadora?! Não pensamos assim e, de fato, sem uma aplicação correta da dialética materialista, não se pode entender o desenvolvimento da China em uma potência imperialista emergente.

Por fim, queremos responder a outra preocupação: não existe o perigo de que os esquerdistas pequeno-burgueses nos países ocidentais explorem a avaliação marxista da China como uma potência imperialista e usem isso como justificativa para se aliar - aberta ou dissimuladamente - à sua própria burguesia ocidental contra os “tiranos desumanos” em Pequim. Na verdade, os mencionados FLTI acusam aqueles que caracterizam a China como imperialista de “capitular a Obama”. <sup>133</sup>

A isto respondemos: É verdade que a esquerda pequeno-burguesa dos países ocidentais apoiará prontamente o seu imperialismo “democrático” contra a China. Lembramos bem como os social-democratas, estalinistas e muitos centristas no Ocidente se aliaram à “sua” burguesia nas décadas de 1930 e 1940 contra a Alemanha, a Itália e o Japão fascistas. Na verdade, enquanto existir rivalidade entre as potências imperialistas - isto é, enquanto durar a época imperialista - haverá potências imperialistas que são rivais dos estados ocidentais. Isso significa que seria errado para os revolucionários nos países ocidentais negar o caráter imperialista de qualquer rival de sua “própria” burguesia ocidental?! Claro que isso seria um absurdo.

Não, a consequência para os bolcheviques-comunistas não pode ser negar o caráter imperialista da China. Por quê? Porque somos proletários internacionalistas, que partimos do ponto de vista do proletariado internacional. Para os trabalhadores dos países imperialistas ocidentais - que aliás constituem apenas uma pequena minoria da classe trabalhadora mundial de não mais que 25% - o “principal inimigo está em casa”. Para a classe trabalhadora chinesa, o principal inimigo também está “em casa” - ou seja, sua própria classe dominante. E nos países semicoloniais a classe trabalhadora tem vários - e não apenas um - inimigos estrangeiros: os EUA, a UE, o Japão, a China e a Rússia.

A questão decisiva que diferencia os revolucionários proletários dos esquerdistas pequeno-burgueses nos países ocidentais não é se eles reconhecem ou não o caráter imperialista da China. São muito mais as conclusões *que eles extraem disso*. Os bolcheviques-comunistas no Ocidente nunca ficarão do lado de “sua” burguesia contra a classe dominante chinesa (ou qualquer outra). Eles assumirão uma posição revolucionária derrotista em relação a “sua” burguesia em qualquer conflito militar. Eles continuarão a luta de classes contra a classe capitalista ocidental sob quaisquer circunstâncias e rejeitarão



qualquer frente conjunta com o imperialismo “democrático” ocidental. A esquerda pequeno-burguesa, por outro lado, capitulará à pressão de “sua” própria burguesia e a apoiará contra os rivais chineses. A base para o internacionalismo proletário consistente é uma linha política derrotista consistente da luta de classes e não negar a realidade de várias potências imperialistas rivais que existem em diferentes partes do mundo.

1 Este Capítulo sobre a China é uma versão editada e ampliada do estudo que publicamos em agosto de 2012. Michael Pröbsting: *"A transformação da China em uma potência imperialista. Um estudo dos aspectos econômicos, políticos e militares da China como uma Grande Potência"*. Foi publicado tanto na revista de língua inglesa Revolutionary Communism No. 4, como em um panfleto separado. Veja <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>

2 Chegamos à posição da China como potência imperialista em junho de 2010, quando aprovamos uma resolução delineando esta conclusão no VIII. Congresso da LFI (nossa organização antecessora). Infelizmente, poucas poucas organizações socialistas entendem e reconhecem o caráter imperialista da China. É ainda mais importante chamar a atenção para aqueles que já chegaram à mesma conclusão sobre a China como fizemos. Aqui devemos mencionar particularmente o trabalho dos camaradas do Grupo Comunista de Trabalhadores de Aotearoa/Nova Zelândia-CWG e do grupo americano Trabalhadores Humanista para o Socialismo Revolucionário-HWRS. Independentemente de nós, eles desenvolveram a mesma análise do imperialismo chinês documentado em um panfleto *"A Ascensão do Imperialismo Chinês"* (O documento principal deste panfleto também pode ser encontrado na internet no site cwg(A/NZ) em <http://redrave.blogspot.co.at/2009/12/flti-minority-report-on-current-world-25.html>) O CWG(A/NZ) também publicou recentemente um excelente artigo sobre o imperialismo chinês emergente, a restauração capitalista e as consequências para a luta de classes que a CCRI/RCIT publicou em sua revista Revolutionary Communism No. 3 em junho de 2012. Está no site da CWG(A/NZ) em <http://redrave.blogspot.co.at/2012/01/chinese-workers-and-peasants-confront.html>. Também queremos chamar a atenção para outro trabalho interessante sobre o imperialismo emergente da China: um grupo maoísta austríaco *"Initiative für den Aufbau einer Revolutionär-Kommunistischen Partei"* publicou na língua alemã um estudo extenso e muito detalhado sobre os aspectos econômicos, políticos e militares. (*"China – ein imperialistisches Land auf dem Weg zu einer globalen Hegemonialmacht"*, junho de 2011) Apesar das óbvias diferenças programáticas que nos separam de uma organização maoísta, reconhecemos sua contribuição bem elaborada para uma compreensão efetiva do imperialismo chinês.

3 V. I. Lenin: Imperialismo, fase superior do capitalismo; in: LCW 22, p. 266

4 V. I. Lenin: Uma caricatura do marxismo e do economismo imperialista; in: LCW Vol. 23, p. 34

5 Leon Trotsky: Uma oposição pequeno-burguesa no Partido Socialista dos Trabalhadores-SWP (1939); in: Leon Trotsky: Em Defesa do Marxismo, Nova Iorque 1990, p. 45

<sup>6</sup> Em nossa organização antecessora, examinamos regularmente o processo de restauração capitalista e as lutas dos trabalhadores. Estes artigos – geralmente escritos pelo nosso antigo camarada Peter Main – eram: "China: 'socialismo' com características capitalistas" (em: Trotskista Internacional nº 11, 1993); "China: Estalinistas se aproximam de seu objetivo capitalista" (em: Trotskista Internacional Nº 22, 1997); "Restaurando o capitalismo na China"(2000), <http://www.fifthinternational.org/content/restoring-capitalism-china>; "China: De Mao ao mercado" (em: Fifth International, Vol. 2, No.4, 2007); "China e Perspectivas Internacionais" (2006), <http://www.fifthinternational.org/content/china-and-international-perspectives>. Para uma análise da revolução social liderada pelos estalinistas em 1949-52, veja: Poder dos Trabalhadores: A Revolução Degenerada. As origens e a natureza dos estados estalinistas (1982), Capítulo: A Revolução Chinesa, pp. 54-59.

<sup>7</sup> David W. Stelsel: Participação dos EUA na produção econômica global encolhendo, 28 de junho de 2012, <http://www.valeofinancial.com/2012/06/u-s-share-of-global-economic-output-shrinking/>

<sup>8</sup> David W. Stelsel: Participação dos EUA na produção econômica global encolhendo, 28 de junho de 2012. Os leitores devem ignorar os números de 2017 que são apenas prognósticos. Particularmente em um período de crise acentuada e declínio deve-se ser cauteloso com uma figura tão concreta para o prognóstico.

<sup>9</sup> Peter Marsh: China está à frente como melhor produtor de bens, Financial Times, 13 de março de 2011, <http://www.ft.com/cms/s/0/002fd8f0-4d96-11e0-85e4-00144feab49a.html#axzz21RSTHoK4>

<sup>10</sup> World Steel Association: World Steel in Figures 2012, 01.06.2012 <http://worldsteel.org/media-centre/press-releases/2012/wsif.html>

<sup>11</sup> China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda (2012), publicada pelo Banco Mundial e pelo Centro de Pesquisa em Desenvolvimento do Conselho de Estado, a República Popular da China, p. 5

<sup>12</sup> Banco Mundial: Horizontes de Desenvolvimento Global 2011. Multipolaridade: A Nova Economia Global, p. 140

<sup>13</sup> China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 4

<sup>14</sup> Banco Mundial: Global Development Finance 2012, p. 110 e Asian Development Bank: Asian Development Outlook 2012. Enfrentando o aumento da desigualdade na Ásia, p. 272

<sup>15</sup> Peter Marsh: China avança como melhor produtor de bens, Financial Times, 13 de março de 2011, <http://www.ft.com/cms/s/0/002fd8f0-4d96-11e0-85e4-00144feab49a.html#axzz21RSTHoK4>

<sup>16</sup> Existem diferentes cálculos que dão números de 7%, respectivamente, 8,7%. Calculado na taxa de PPP é cerca de um quinto do nível dos EUA. (Veja China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 8; The Economist: Economia da China: Pedalando prosperidade, 26 de maio de 2012, <http://www.economist.com/node/21555762>

17 Karl Marx: Das Kapital, Banda III, MEW 25, p. 255; em inglês: Karl Marx: Capital, Vol. III, Capítulo 14, Exposição das Contradições Internas da Lei

18 As Maiores Empresas do Mundo, Revista Forbes, 18.4.2012, <http://www.forbes.com/sites/scottdecarlo/2012/04/18/the-worlds-biggest-companies/>; Um olhar regional para a Forbes Global 2000; Revista Forbes, 20.4.2011, <http://www.forbes.com/sites/scottdecarlo/2011/04/20/a-regional-look-at-the-forbes-global-2000-2/>

19 Fortune Magazine: Fortune Global 500 lista em 2012, [http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2012/full\\_list/index.html](http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2012/full_list/index.html)

20 Fortune Magazine: Lista Fortune Global 500 em 2012

21 David Shambaugh: As corporações multinacionais da China são realmente multinacionais?; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 7

22 As empresas chinesas empurram o Japão na lista Fortune Global 500, por Agence France-Presse, 9 de julho de 2012, <http://www.rawstory.com/rs/2012/07/09/chinese-companies-push-out-japan-on-fortune-global-500-list/>

23 Martin Seelos: Globale Verlagerung von konstantem Kapital, em: wirtschafts\_krise Nr. 5, 2012, p. 91, <http://wirtschaftskrise.blogworld.at/2012/11/24/globale-verlagerung-von-akkumulation/>. Seelos publicou em seu blog uma série de estudos econômicos interessantes do ponto de vista marxista.

24 Ver China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, pp. 110-11

25 Isso também foi reconhecido pelo "The Economist" britânico em 2008, quando escreveu: "A economia da China não é impulsionada pelas exportações, mas pelo investimento, que representa mais de 40% do PIB". (The Economist: Economics focus: An old chinese myth. Ao contrário da sabedoria popular, o rápido crescimento da China não depende muito das exportações, 3 de janeiro de 2008, <http://www.economist.com/node/10429271>)

26 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 124

27 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 111

28 The Economist: Economia da China: Pedalando a prosperidade, 26 de maio de 2012, <http://www.economist.com/node/21555762>

29 Zhang Yu & Zhao Feng: A Taxa de Valor Excedente, a Composição do Capital e a Taxa de Lucro na Indústria De Manufatura Chinesa: 1978-2005, Renmin University of China, Paper apresentado na Segunda Conferência Anual do Fórum Internacional sobre a Economia Política Comparativa da Globalização, 1-3 de Setembro de 2006, p. 1306, p. 130

30 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 111

31 The Economist: Economia da China: Pedalando a prosperidade, 26 de maio de 2012, <http://www.economist.com/node/21555762>

32 Lin, Li-Wen e Milhaupt, Curtis J., We are the (National) Champions: Understanding the Mechanisms of State Capitalism in China (1 de novembro de 2011). Columbia Law and Economics Working Paper nº 409. Disponível em SSRN: <http://ssrn.com/abstract=1952623> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1952623>, p. 10

33 John Bellamy Foster e Robert W. McChesney: A Estagnação Global e a China, em: Monthly Review, Volume 63, Edição 09 (fevereiro de 2012), <http://monthlyreview.org/2012/02/01/the-global-stagnation-and-china>

34 Lilian Lin: Inquietação Entre as categorias Monetárias, 1.8.2012, <http://blogs.wsj.com/chinarealtime/2012/08/01/unease-among-the-moneyed-ranks/>

35 Os ricos da China estão ficando mais pobres na nova Lista de Ricos de Hurun, Hurun Report, 24.9.2012, <http://www.hurun.net/usen/NewsShow.aspx?nid=349>

36 Lilian Lin: Inquietação Entre as categorias Monetárias, 1.8.2012

37 Capgemini e RBC Wealth Management: World Wealth Report 2012, p. 9

38 Credit Suisse: Global Wealth Report 2012, p. 20

39 Boston Consulting Group: Global Wealth 2012, p. 9

40 Nós bolcheviques-comunistas nos solidarizamos com a revolta dos trabalhadores chineses e da juventude na primavera de 1989 e a perspectiva para a revolução política contra a burocracia estalinista. Publicamos nossa posição entre outros em duas resoluções em junho de 1989 "*China: Revolução e Repressão*" e "*Declaração MRCI sobre a China*"; in: *Trotskista Internacional* Nº 3, Verão de 1989.

41 Joel Andreas: Expropriação de Trabalhadores e Transformação Capitalista na China; in: China Left Review, Issue#4, Verão 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=477>

42 Ver Gerard Greenfield e Apo Leong: O Capitalismo Comunista da China: O Mundo Real do Socialismo de Mercado; in: O Registro Socialista 1997, pp. 98-99

43 Demissões estatais da China .Procurando novos empregos: Ministro, Diário do Povo, 27 de outubro de 2002, [http://english.peopledaily.com.cn/200210/27/eng20021027\\_105729.shtml](http://english.peopledaily.com.cn/200210/27/eng20021027_105729.shtml)

44 Jian Qiao: Entre o Estado e o Mercado: Múltiplos Papéis do Sindicato Chinês durante a Transição de Mercado. Uma pesquisa de 1811 Presidentes do Sindicato das Empresas, Instituto de Relações

Industriais da China, p. 1, [http://www.ilera-directory.org/15thworldcongress/files/papers/Track\\_2/Poster/CT2\\_59\\_Qiao.pdf](http://www.ilera-directory.org/15thworldcongress/files/papers/Track_2/Poster/CT2_59_Qiao.pdf)

45 Paul Mozur: Revisão de "O Trabalhador Chinês Depois do Socialismo", de William Hurst, em: THE FAR EASTERN ECONOMIC REVIEW, maio de 2009, [http://www.viet-studies.info/kinhte/chinese\\_worker\\_after\\_socialism.htm](http://www.viet-studies.info/kinhte/chinese_worker_after_socialism.htm)

46 Qi Dongtao: Classe trabalhadora chinesa em difícil situação, em: Leste Asiático Política Volume 2, Número 2, Abr/Jun 2010, p. 6

47 China Labor Bulletin: Trabalhadores migrantes na China, 6 de junho de 2008, <http://www.clb.org.hk/en/node/100259>

48 Pesquisa sobre o Editorial Coletivo dos Trabalhadores Chineses: A Condição Atual e Futura da Classe Trabalhadora da China; in: China Left Review, Issue#4, Verão 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=471>

49 China Labor Bulletin: Trabalhadores migrantes na China, 6 de junho de 2008

50 Andrew Watson: Seguridade Social para os Trabalhadores Migrantes da China – Providenciando a Velhice (2009), em: Journal of Current Chinese Affairs, Vol. 38, No. 4, p. 91

51 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 351

52 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 351

53 Asian Development Bank: Asian Development Outlook 2012. Enfrentando o aumento da desigualdade na Ásia, p. 66

54 The Economist: Economia da China: Pedalando a prosperidade, 26 de maio de 2012, <http://www.economist.com/node/21555762>

55 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 99

56 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 99

57 Pesquisa sobre o Editorial Coletivo dos Trabalhadores Chineses: A Condição Atual e Futura da Classe Trabalhadora da China; in: China Left Review, Issue#4, Verão 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=471>

58 Avraham Ebenstein: Vencedores e Perdedores da Entrada de Empresas Multinacionais em Países em Desenvolvimento: Evidências das Zonas Econômicas Especiais da República Popular da China, Série de Papel de Trabalho da ADB Economics, Nº 276, Outubro de 2011, Banco Asiático de Desenvolvimento, p. 23

59 Avraham Ebenstein: Vencedores e Perdedores da Entrada de Empresas Multinacionais nos Países em Desenvolvimento, p. 49

60 Qi Dongtao: Classe trabalhadora chinesa e sindicatos na Era Pós-Mao: Progresso e Situação, em: International Journal of China Studies, Vol. 1, No. 2, Outubro 2010, p. 420

61 Pesquisa sobre o Editorial Coletivo dos Trabalhadores Chineses: A Condição Atual e Futura da Classe Trabalhadora da China; in: China Left Review, Issue#4, Verão 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=471>

62 Ver China Labour Bulletin: Uma década de mudança. O Movimento dos Trabalhadores na China 2000-2010 (2012), [www.clb.org.hk](http://www.clb.org.hk), pp. 9-10 e Edward Wong: O Crescimento da China Desacelera, e seu modelo político mostra limites, New York Times, 10 de maio de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/05/11/world/asia/chinas-unique-economic-model-gets-new-scrutiny.html?pagewanted=all>.

63 Pei Haide: O que dois estudos de caso nos dizem sobre a situação dos trabalhadores da empresa estatal hoje, China Left Review, Issue#4, Verão 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=483>

64 China Labour Bulletin: Uma década de mudança. O Movimento dos Trabalhadores na China 2000-2010, p. 13

65 Qi Dongtao: Classe Trabalhadora Chinesa em difícil Situação (2010), EAI Background Brief nº 528, p. 10

66 Qi Dongtao: Classe trabalhadora chinesa em Situação, em: Leste Asiático Política Volume 2, Número 2, Abr/Jun 2010, p. 11

67 Ver China Labour Bulletin: Uma década de mudança. O Movimento dos Trabalhadores na China 2000-2010 (2012), [www.clb.org.hk](http://www.clb.org.hk), p. 13 e Edward Wong: O crescimento da China desacelera, e seu modelo político mostra limites, New York Times, 10 de maio de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/05/11/world/asia/chinas-unique-economic-model-gets-new-scrutiny.html?pagewanted=all>

68 Citado em Avraham Ebenstein: Vencedores e Perdedores da Entrada de Empresas Multinacionais nos Países em Desenvolvimento, p. 32

69 The People's Bank of China: Foreign Exchange Reserves em março de 2012, <http://www.pbc.gov.cn/publish/html/2012s09.htm>

70 Yiping Huang: As mudanças da face do investimento chinês; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 13

71 Tom Murse: Quanto da dívida dos EUA a China realmente possui? <http://usgovinfo.about.com/od/moneymatters/ss/How-Much-US-Debt-Does-China-Own.htm>

72 Tom Orlik e Bob Davis: Beijing Diversifica Longe do Dólar americano, Wall Street Journal, 2 de março de 2012, <http://online.wsj.com/article/SB10001424052970203753704577254794068655760.html>

73 Tom Orlik e Bob Davis: Pequim diversifica longe do dólar americano, Wall Street Journal, 2 de março de 2012

74 International Rivers: Chinese Financiers, <http://www.internationalrivers.org/campaigns/chinese-financiers>

75 FMI: Relatório global de estabilidade financeira, abril de 2012, Apêndice Estatístico, p. 3

76 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2012, pp. 169-172

77 Derek Scissors: Investimento externo chinês: Aceleração Características dos EUA, Edição Breve nº 3656, 9 de julho de 2012, Publicado pela The Heritage Foundation, p. 2

78 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2012, pp. 169-172

79 John Smith: Novidades sobre "Novo Imperialismo" (2007), p. 16; Veja também sobre isso Robert E. Lipsey e Fredrik Sjöholm: Sul-Sul FDI e Desenvolvimento no Leste da Ásia; in: Asian Development Review, vol. 28, nº 2, Asian Development Bank 2011, p. 15; Hal Hill e Juthathip Jongwanich: Investimento estrangeiro direto externo e a crise financeira no desenvolvimento da Ásia Oriental; in: Asian Development Review, vol. 26, nº 2, Asian Development Bank 2009, p. 5

80 Karl P. Sauvant: Novo garoto no pedaço aprendendo as regras; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 7

81 Derek Scissors: Investimento da China no exterior em 2010, Web Memo nº 3133, 3 de fevereiro de 2011, Publicado pela The Heritage Foundation, p. 2

82 Derek Scissors: Investimento externo chinês: Aceleração Características dos EUA, Edição Breve nº 3656, 9 de julho de 2012, Publicado pela The Heritage Foundation, p. 3. Os números incluem apenas investimentos não-títulos acima de US \$ 100 milhões. Eles dão os números totais para cada região e listam abaixo dos três maiores países únicos. O autor explica os dados: "*A Heritage Foundation oferece o único conjunto de dados público do investimento externo chinês e data de 2005.1 O China Global Investment Tracker inclui mais de 300 investimentos de US\$ 100 milhões ou mais entre o início de 2005 e 30 de junho de 2012. Além de transações avaliadas em menos de US\$ 100 milhões, o conjunto de dados não inclui compras de títulos, comércio, empréstimos ou ajuda.*"

83 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 418

84 Derek Scissors: Onde a China investe, e por que importa, 17.8.2010, <http://www.forbes.com/2010/08/17/china-spending-investment-overseas-markets-economy-china-tracker.html>



85 Andrew Szamosszegi e Cole Kyle: Uma Análise das Empresas Estatais e capitalismo estatal na China, Comissão de Revisão Econômica e de Segurança dos EUA-China, 26 de outubro de 2011, p. 86

86 Titan Alon, Galina Hale e João Santos: O que a capital da China está buscando em um ambiente global?, Carta Econômica FRBSF, 22.3.2010, <http://www.frbsf.org/publications/economics/letter/2010/el2010-09.html>

87 Karl P. Sauvart: Novo garoto no pedaço aprendendo as regras; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 7

88 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 420

89 Derek Scissors: Investimento externo chinês: Aceleração Características dos EUA, Emissão Breve nº 3656, 9 de julho de 2012, Publicado pela The Heritage Foundation, p. 4; veja também Andreas Lunding: Chinesische Firmen auf dem Vormarsch. Investitionen chinesischer Firmen im Ausland, Deutsche Bank Research, 7. setembro de 2006, p. 6

90 Andrew Szamosszegi e Cole Kyle: Uma Análise das Empresas Estatais e capitalismo estatal na China, Comissão de Revisão Econômica e de Segurança dos EUA-China, 26 de outubro de 2011, pp. 87-88

91 Andrew Szamosszegi e Cole Kyle: Uma Análise das Empresas Estatais e capitalismo estatal na China, p. 88

92 David Shambaugh: As corporações multinacionais da China são realmente multinacionais?; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 7

93 Miguel Perez Ludeña: Adaptando-se à experiência latino-americana; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 Abril-Junho 2012, p. 13

94 Os chineses na África: tentando se unir. Os africanos estão perguntando se a China está fazendo seu almoço ou comendo; in: The Economist, Apr 20th 2011, [http://www.economist.com/node/18586448?story\\_id=18586448](http://www.economist.com/node/18586448?story_id=18586448); veja também a SA, não a China, o maior investidor da África: estudo, 23 de julho de 2010, [http://www.defenceweb.co.za/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9049:sa-not-china-africas-biggest-investor-study&catid=7:Industry&Itemid=116](http://www.defenceweb.co.za/index.php?option=com_content&view=article&id=9049:sa-not-china-africas-biggest-investor-study&catid=7:Industry&Itemid=116); Sanne van der Lugt, Victoria Hamblin, Meryl Burgess, Elizabeth Schickerling: Avaliando o papel da China no investimento estrangeiro direto no sul da África, Oxfam Hong Kong e Centro de Estudos Chineses 2011, pp. 68-74; UNCTAD: Investimento Estrangeiro Direto Asiático na África. Rumo a uma nova era de cooperação entre países em desenvolvimento (2007)

95 Os chineses na África: tentando se unir. Os africanos estão perguntando se a China está fazendo seu almoço ou comendo; in: The Economist, 20 de abril de 2011, [http://www.economist.com/node/18586448?story\\_id=18586448](http://www.economist.com/node/18586448?story_id=18586448)



96 China 2030. Construindo uma Sociedade Moderna, Harmoniosa e Criativa de Alta Renda, p. 412

97 Robert D. Kaplan: Porto da China no Paquistão? O sonho da China com os portos do Oceano Índico – a chamada cordão de pérolas – está aumentando as tensões geopolíticas em um bairro áspero; Política Externa, 27 de maio de 2011, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/05/27/chinas\\_port\\_in\\_pakistan](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/05/27/chinas_port_in_pakistan)

98 Chris Richards: Made in China, in: New Internationalist No. 423 (junho de 2009), <http://www.newint.org/features/2009/06/01/keynote-china>

99 Ash Pemberton: Papua Nova Guiné: Colonialismo de recursos sangrando pessoas e natureza, Green Left Weekly No. 949, 9 de dezembro de 2012 <http://www.greenleft.org.au/node/53020>

100 Kelsie Brandlee: China faz mais investimentos na Grécia; Centro de Finanças e Desenvolvimento Internacional, 07 de novembro de 2010, <http://uicifd.blogspot.com/2010/11/china-makes-more-investments-in-greece.html>; veja também Nasos Mihalakas: Chinês 'Cavalo de Tróia' – Investindo na Grécia, ou Invadindo a Europa? (Parte I), 15 de janeiro de 2011, <http://foreignpolicyblogs.com/2011/01/15/chinese-%E2%80%98trojan-horse%E2%80%99-investing-in-greece-or-invading-europe-part-i/>

101 Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo: Armamentos, Desarmamento e Segurança Internacional, 2012, Resumo, p. 9

102 Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo: Armamentos, Desarmamento e Segurança Internacional, 2012, Resumo, p. 14

103 Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo: Armamentos, Desarmamento e Segurança Internacional, 2012, Resumo, p. 13

104 Peter Lee: Talvez essa guerra com a China não esteja tão longe, Asia Times Online 22.12.2011, <http://www.atimes.com/atimes/China/ML22Ad05.html>

105 Escritório do Secretário de Defesa (EUA): Desenvolvimentos Militares e de Segurança Envolvendo a República Popular da China 2012, maio de 2012, p. 40

106 International Crisis Group: Agitação do Mar do Sul da China (I); Relatório do Grupo de Crise Ásia N°223, 23 de abril de 2012, p. 1

107 Grupo de Crise Internacional: Agitando o Mar do Sul da China (II): Respostas Regionais; Relatório do Grupo de Crise Ásia N°229, 24 de julho de 2012, p. 16

108 International Crisis Group: Agitando o Mar do Sul da China (I), p. 1 e 25

109 International Crisis Group: Agitando o Mar do Sul da China (II), p. 35

110 Ver Robert D. Kaplan: O Mar do Sul da China é o futuro do conflito. O campo de batalha definidor do século 21 será na água; em: Política Externa Setembro/Outubro de 2011, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/08/15/the\\_south\\_china\\_sea\\_is\\_the\\_future\\_of\\_conflict?page=full](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/08/15/the_south_china_sea_is_the_future_of_conflict?page=full)

111 Jim Garamone: Panetta descreve a mudança dos EUA na Ásia-Pacífico; Serviço de Imprensa das Forças Americanas, Cingapura, 1.6.2012, <http://www.defense.gov/news/newsarticle.aspx?id=116591>

112 Departamento de Defesa dos EUA: Sustentando a Liderança Global dos EUA: Prioridades para a Defesa do Século XXI (2012), p. 2

113 Hillary Clinton: Século da América no Pacífico. O futuro da política será decidido na Ásia, não no Afeganistão ou no Iraque, e os Estados Unidos estarão no centro da ação; em: Política Externa, novembro de 2011, [http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/10/11/americas\\_pacific\\_century](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/10/11/americas_pacific_century)

114 Hillary Rodham Clinton: Observações ao Fórum Regional da ASEAN, Phnom Penh, Camboja, 12 de julho de 2012, <http://www.state.gov/secretary/rm/2012/07/194987.htm>

115 EUA expande suas bases marinhas em W. Pacific, Yomiuri Shimbun, 22 de março de 2012, <http://www.yomiuri.co.jp/dy/national/T120321005812.htm>

116 Robert D. Kaplan: Como lutaríamos contra a China; em: Atlantic Magazine, junho de 2005, [http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2005/06/how-we-would-fight-china/3959/?single\\_page=true](http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2005/06/how-we-would-fight-china/3959/?single_page=true)

117 Michael Auslin: Em Pé de Guerra no Mar do Sul da China? Se Pequim pensou que sua nova guarnição levaria outras nações a capotar, ela calculou mal. 30 de julho de 2012, <http://online.wsj.com/article/SB10000872396390444405804577559100590929184.html>

118 Daryl Morini: Mudança de Paradigma: A Ascensão da China e os Limites do Realismo; in: Desafios de Segurança, Vol. 7, Nº 1 (Outono 2011), p. 111; <http://www.securitychallenges.org.au/ArticlePages/vol7no1Morini.html>

119 International Crisis Group: Agitação do Mar do Sul da China (II): Respostas Regionais; Relatório do Grupo de Crise Ásia N°229, 24 de julho de 2012, p. 34

120 Hugh White: Mudança de poder: repensar o lugar da Austrália no século asiático; in: Australian Journal of International Affairs Vol. 65, No. 1 (fevereiro de 2011), p. 88

121 Paul Stares: Visão geral; in: Paul B. Stares, Scott A. Snyder, Joshua Kurlantzick, Daniel Markey e Evan A. Feigenbaum: Gerenciando a instabilidade no Conselho de Relações Exteriores da China, Conselho de Relações Exteriores 2011, p. 1

122 Max Hastings: A Terceira Guerra Mundial será entre os EUA e a China? The Daily Mail, 26 de novembro de 2011, <http://www.dailymail.co.uk/debate/article-2066380/Will-World-War-III-U-S-China.html>

123 Ver Max Hastings: A Terceira Guerra Mundial será entre os EUA e a China?

124 A China deve reagir à provocação do Vietnã, Global Times, 21 de junho de 2011, <http://www.globaltimes.cn/NEWS/tabid/99/ID/662453/China-must-react-to-Vietnams-provocation.aspx>, veja também Robert Johnson: China anuncia como iria entrar em guerra contra a frota dos EUA, Business Insider, Jun. 11, 2012, <http://www.businessinsider.com/china-announces-how-it-will-decimate-the-us-fleet-should-conflict-ever-break-out-2012-6>

125 Anna Sansão: The Grand Weiqi Board: Reconsiderando o papel da China na África; in: Desafios de Segurança, Vol. 7, No. 1 (Outono 2011), p. 77

126 Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI/RCIT): O Manifesto Comunista Revolucionário, publicado em 2012, p. 62; online no site da RCIT em [www.thecommunists.net/rcit-manifesto](http://www.thecommunists.net/rcit-manifesto)

127 RCIT: O Manifesto Comunista Revolucionário, p. 21

128 A FLTI é uma organização com várias seções na América Latina, mas também no Zimbábue. Além disso, tem ativistas na Líbia e na Síria que participaram da luta de libertação revolucionária contra o Gaddafi, E respectivamente, contra o regime de Assad. Combina uma série de posições revolucionárias com fraquezas metodológicas de ultraesquerda como uma tendência a rejeitar a tática da frente unida.

129 Assim, a FLTI polemizou contra o CWG(A/NZ) e o HWRS(EUA): "Sem dúvida estamos diante das correntes revisionistas, seja em suas variantes catastróficos ou pacifistas, todas elas, como denunciemos, dando uma visão de um desenvolvimento progressivo no modo capitalista de produção no planeta, e que detêm a persistência do livre intercâmbio, da livre concorrência e de um desenvolvimento saudável das forças produtivas. E nós os denunciemos porque eles querem nos convencer da existência de um modo de produção que tem um longo caminho pela frente antes de esgotar sua potencialidade na História, quando estamos realmente testemunhando as piores crises, guerras e catástrofes de sua história." Veja o Documento majoritário da FLTI sobre a China como semi-colônia do imperialismo, 20 de fevereiro de 2010, <http://redrave.blogspot.com/2010/02/flti-majority-document-on-china-as-semi.html>

130 V. I. Lenin: Imperialismo, Fase Superior do capitalismo, em: LCW 22, p. 300

131 Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: Vor einem neuen Wirtschaftsaufschwung? Thesen zum marxistischen Konzept des Zyklus, dem Verhältnis des gegenwärtigen Zyklus zur Periode der Globalisierung sowie den Aussichten und Widersprüchen der künftigen Entwicklung der Weltwirtschaft (2010), em: Revolutionärer Marxismus 41, Februar 2010,

<http://www.arbeitermacht.de/rm/rm41/wirtschaftsaufschwung.htm>; Michael Pröbsting: Economia mundial – rumo a uma nova ascensão? (2009), em: Quinto Vol Internacional 3, Nº 3, <http://www.fifthinternational.org/content/world-economy-%E2%80%93-heading-new-upswing>; Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und der Niedergang des Kapitalismus (2009), em: Revolutionärer Marxismus 39, <http://www.arbeitermacht.de/rm/rm39/rm39imperialismus.htm>; em inglês: Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis (2008), <http://www.fifthinternational.org/content/imperialism-and-decline-capitalism>

132 V. I. Lenin: Sobre a Questão da Dialética (1915), em: LCW 38, p. 358

133 Veja, por exemplo: *"Ou seja, eles estavam até dissimulando enquanto colocavam que a China estava disputando o mundo com os EUA como uma potência hegemônica; agora eles mantêm essa posição abertamente, passando claramente para o lado dos EUA com uma posição derrotista na frente da nação oprimida. Então e agora, eles estão sempre do mesmo lado de Obama, e confrontando os interesses do proletariado internacional. (...) Estamos na barricada oposta do documento minoritário do início de novembro que capitula ao imperialismo, e afirmamos que nas guerras inter-imperialistas nunca seremos para a defesa de qualquer país imperialista, mesmo o mais fraco, mesmo que tenha sido ocupado, mesmo que seus inimigos tentem colocá-lo de joelhos."* Veja o Documento majoritário da FLTI sobre a China como semi-colônia do imperialismo, 20 de fevereiro de 2010, <http://redrave.blogspot.com/2010/02/flti-majority-document-on-china-as-semi.html>